

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

JESSÉ CARVALHO NUNES

OUTRA VIAGEM PELO SERTÃO QUEIROZIANO
A ESPERANÇA E O DESAMPARO COMO AFETOS BIOPOLÍTICOS N' *O QUINZE*

**PATU – RN
2018**

JESSÉ CARVALHO NUNES

OUTRA VIAGEM PELO SERTÃO QUEIROZIANO
A ESPERANÇA E O DESAMPARO COMO AFETOS BIOPOLÍTICOS N' O *QUINZE*

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

PATU – RN
2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

N972o Nunes, Jessé Carvalho
OUTRA VIAGEM PELO SERTÃO QUEIROZIANO A
ESPERANÇA E O DESAMPARO COMO AFETOS
BIOPOLÍTICOS NO QUINZE. / Jessé Carvalho Nunes. -
Patu- RN, 2018.
72p.

Orientador(a): Prof. Me. Annie Tarsis Morais
Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas). 2. Afetos. 3. Esperança. 4.
Desamparo. 5. O quinze. I. Figueiredo, Annie Tarsis
Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

JESSÉ CARVALHO NUNES

OUTRA VIAGEM PELO SERTÃO QUEIROZIANO
A ESPERANÇA E O DESAMPARO COMO AFETOS BIOPOLÍTICOS N' O *QUINZE*

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovado em 07 /12 /2018

BANCA EXAMINADORA

Annie Tarsis Morais Figueiredo – UERN
Orientadora

Beatriz Pazini Ferreira – UERN
Examinadora 1

Francisca Laila Ribeiro Pinto – UERN
Examinadora 2

A Deus e ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, por sempre me dar forças, coragem e determinação para lutar em busca dos meus objetivos, por tudo que fez por mim, ajudando a não desistir diante das dificuldades surgidas nos caminhos da vida, mantendo-me forte até mesmo nos momentos de fraqueza, sei que sem Ele tudo seria mais difícil. Gratidão por ter me trazido até aqui.

À toda minha família, em especial ao meu pai, exemplo de vida, sempre me ajudando a seguir estudando, às minhas tias pelo incentivo e dedicação em me ajudar, à Marinez (*in memoriam*), por não ter deixado eu parar de estudar e sempre ter acreditado em mim, desejando-me um futuro melhor através dos estudos, obrigada pelos ensinamentos e carinho.

À Laíza Gomes, por me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos, me fazendo seguir mesmo nos momentos difíceis, por tantas palavras de ajuda e conforto. Obrigado por caminhar junto, compartilhando dos meus medos, desejos e sonhos, por sempre me ajudar quando precisei, pelo apoio e pela dedicação.

À minha orientadora Annie Figueiredo, pelos ensinamentos através de suas aulas, pela confiança depositada a mim, pela paciência e dedicação nas orientações, sempre solícita em me ajudar durante esse processo de realização do trabalho, pelos incentivos e empenho em fazer sempre o melhor.

Aos outros professores que também tiveram suas contribuições com ensinamentos ao longo desses quatro anos da graduação, por me mostrar outras formas de entender a vida através das suas reflexões em sala de aula enfim, por me fazer entender o quão importante é, para a vida de um ser humano, a educação, e o quanto devemos lutar por ela.

Aos meus colegas de turma por todos os momentos compartilhados de aprendizagem, pela convivência, com momentos bons e também os ruins que vão ficar como aprendizado. Pelas amizades construídas, pelos momentos de descontração que ficarão marcados pelo resto da vida, cada um dos colegas ficará marcado por terem feito parte dessa história, pois nossos caminhos se cruzaram em virtude de compartilharmos do mesmo sonho.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta conquista, o meu eterno obrigado!

RESUMO

Nosso trabalho visa analisar quais as influências dos afetos *esperança* e *desamparo* dentro da conjuntura biopolítica que é o sertão nordestino queiroziano d'*O Quinze* (2016), de Rachel de Queiroz. A partir da circulação desses afetos passamos a compreender uma multiplicidade de formas de vida no sertão desolado pela falta das chuvas. Diante desse contexto sociopolítico em que as vivências dos sertanejos nordestinos encontram-se relacionadas, surgiu a tentativa de compreender como os circuitos dos afetos vão mover os personagens, especialmente Chico Bento, os relacionando em meio ao espaço biopolítico que é o sertão queiroziano. Tendo em vista a mudança de posicionamento de alguns personagens, no sentido de surgirem modos distintos de agir perante os novos acontecimentos. Nessa perspectiva, nossa pesquisa tem como objetivo principal evidenciar os afetos *esperança* e *desamparo* n'*O Quinze* (2016), percebendo-os em sua ambivalência: [1] como elementos transformadores no modo de viver dos personagens, implicando em sentimentos ativos em meio a situações extremas de desproteção, por isso não podem ser temidos e por outro lado, [2] como elementos paralisadores que provocam a inércia e a angústia, por isso em alguns momentos não devem ser buscados. Como suportes teóricos principais temos: Safatle (2016) e seu estudo envolvendo os circuitos dos afetos como sendo responsáveis por guiar os indivíduos nas questões sociopolíticas. Muniz (2011) que aborda reflexões sobre a invenção de um Nordeste monolítico criado por discursos estereotipizantes que circulam em torno do Nordeste e dos nordestinos, desconsiderando a pluralidade da região; Agamben (2002), esclarecendo a biopolítica e as temáticas envolvendo o *homo sacer*, o *estado de exceção* e o conceito de *vida nua*. Candido (2007), nos mostrando a importância da categoria personagem para entender o contexto de uma obra literária e por fim, Foucault (1987) e seu conceito de biopolítica para compreendermos a condição do ser humano e as relações de poder. Esse trabalho divide-se em dois capítulos, no primeiro, abordamos a invenção do Nordeste queiroziano enquanto espaço biopolítico de circulação de afetos. No segundo capítulo, propomos mostrar como os personagens estão implicados e em constante transformação dentro do que se compreende por *campo de concentração*, evidenciando suas potências de agir, a vontade de vida e resistência em meio à ausência dos direitos humanos. A nossa análise permitiu entender o circuito dos afetos biopolíticos n'*O Quinze* (2016) como *modus operandi* do sertão queiroziano, contribuindo para transformar a vida dos personagens, possibilitando-os uma existência com mais dignidade dentro das suas comunidades.

Palavras-chave: Afetos. Esperança. Desamparo. O Quinze. Sertão queiroziano.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the influences of affection, hope and helplessness inside the biopolitical conjuncture that is the Queiroz's northeastern outback in "O Quinze" (2016), by Rachel de Queiroz. From the circulation of these affections we start to understand a multiplicity of life forms on outback, desolated by the lack of rains. In view of this socio-political context in which the experiences of the northeastern outback people are related, an attempt was made to understand how the circuits of affections will move the characters, especially Chico Bento, linking them in the biopolitical space that is the Queiroz's outback. In view of the change of position of some characters, in the sense of different ways of acting in face of new events. From this perspective, our research has as main objective to highlight the affections of hope and helplessness in the "O Quinze" (2016), perceiving them in their ambivalence: [1] As transforming elements in the characters' way of life, implying active feelings in the middle of unprotected extreme situations, so they can not be feared and on the other hand, [2] as paralyzing elements that cause inertia and anguish, so at times they should not be required. As main theoretical supports we have: Safatle (2016) and his study involving the circuits of affects as being responsible for guiding individuals in sociopolitical issues. Muniz (2011), who discusses the invention of a monolithic Northeast created by stereotypical discourses that circulate around the Northeast and the northeasterners, disregarding the plurality of the region; Agamben (2002), clarifying the biopolitics and the themes involving homo sacer, the state of exception and the concept of nude life. Candido (2007), who shows us the importance of the category character to understand the context of a literary work and finally, Foucault (1987) and his concept of biopolitics to understand the condition of human beings and power relations. This research is divided in two chapters, in the first, we approach the invention of the Queiroz's Northeast as biopolitical space of circulation of affections. In the second chapter, we propose to show how the characters are involved and in constant transformation within what is understood by concentration camp, showing their powers of action, the will of life and resistance in the absence of human rights. Our analysis allowed us to understand the circuit of biopolitical affections in the "O Quinze" (2016) as a modus operandi of the Queiroz's outback, contributing to transform the lives of the characters, enabling them a more dignified existence inside their communities.

Keywords: Affections. Hope. Helplessness. O Quinze. Queiroz's outback.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O BIOPODER E SEUS AFETOS: A ESPERANÇA E O DESAMPARO NO SERTÃO QUEIROZIANO	16
1.1 O HORIZONTE CINZENTO: CONTEXTUALIZANDO A SECA D’O <i>QUINZE</i>	16
1.2 A INVENÇÃO DO NORDESTE QUEIROZIANO: ESCLARECENDO O VIÉS DA ANÁLISE	21
1.3 OS ASPECTOS BIOPOLÍTICOS COMO MOTIVADORES DOS PERSONAGENS	27
1.4 A DERRADEIRA RÊS E A AGUDEZA DE DESESPERANÇA.....	31
CAPÍTULO 2 – ESPERANÇA E DESAMPARO COMO AFETOS BIOPOLÍTICOS MOTIVADORES DOS PERSONAGENS CHICO BENTO E VICENTE	38
2.1 CAMINHANDO COM OS PERSONAGENS E DESCOBRINDO O SERTÃO QUEIROZIANO	39
2.2 O JUAZEIRO É UM SÓ: A ALTERIDADE ENTRE OS PERSONAGENS EM MEIO AO CAOS	44
2.3 DEPOIS O MUNDO É GRANDE: O DESAMPARO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA.....	50
2.4 A SECA TAMBÉM TEM FIM: A RESISTÊNCIA ESPERANÇOSA DE VICENTE.	57
2.5 A GENEROSIDADE MATUTA COMO FORÇA DE AJUDA NA AUSÊNCIA DE DIGNIDADE	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

O romance de trinta foi um movimento literário que abordava em suas temáticas aspectos socioambientais e políticos do Nordeste do Brasil. Esse tipo de romance, por meio de seus enredos locais, proporcionou o reconhecimento de diversos fatores antes desconhecidos por pessoas que não faziam parte da região ao qual a história se desenvolvia, permitindo um maior conhecimento das diversas culturas que por muito tempo ficaram no anonimato.

Um dos livros pertencentes a este período literário é *O Quinze* (2016), de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, oito anos antes de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, nele entramos em contato com o nordeste/sertão queiroziano. Especificamente o livro relata uma seca com os problemas decorrentes desse fenômeno natural, como: fome, miséria, falta de dignidade e ausência dos direitos humanos.

Partindo desse ponto, percebe-se no livro questões de uma seca histórica bem conhecida no estado do Ceará, a do ano de 1915, castigando essa região do país fazendo-a sofrer por um grande intervalo de estio, com isso, o modo de vida dos personagens dessa narrativa vai estar estritamente ligado a esses aspectos naturais, refletindo no social e no político, em decorrência da ausência de políticas dignas do Estado para manter a água sem as chuvas, ou se não armazenar a água prover a população de outro modo, que não fosse o abandono.

Partindo desses aspectos sobre *O Quinze* (2016), observa-se o modo como a biopolítica se dá nesse espaço, contribuindo para a existência de tipos de vidas, muitas vezes essas relações de poder se estabelecem de maneira a perpetuar uma tradição em que os dominados são aqueles que mais sofrem pela forma imprópria dos que estão no poder de governar, esquecendo aqueles que precisam de maior atenção e investimentos, para focar naqueles que não merecem ser assistidos dignamente, por mais irônico que seja, são as pessoas mais necessitadas e humildes as esquecidas, ou seja, é o biopoder selecionando qual a vida merece ser vivida.

Observando esses aspectos, pode-se compreender de maneira mais profunda o que move os personagens da narrativa em meio aos abandonos aos quais estão expostos na maioria das vezes. Procurou-se entender o porquê que mesmo vivendo o *desamparo* causado pela natureza, mas muito mais pelo Estado, eles ainda possuem força e vontade para continuar tentando viver, mesmo não tendo oportunidades básicas de sobrevivência, não tendo chances de nenhum lado para possuir uma vida com o mínimo de recursos de sustentação, trata-se de enxergar o modo como são afetados pela biopolítica e como isso é experienciado por eles,

traduzindo em um circuito de afetos presentes em suas vivências. Essas reflexões são feitas por meio de uma revisitação da obra em que, a partir disso, propõe-se reabrir *O Quinze* (2016), ampliando as ideias sobre o romance de trinta, para aprender com a resistência dos personagens a repensar e ressignificar nossa realidade.

Diante desses levantamentos acerca da relação desses personagens com o ambiente sociopolítico em que vivem, chega-se ao problema central da pesquisa: como o circuito dos afetos irá mover os personagens, especialmente Chico Bento na relação com os outros personagens em meio a esse espaço biopolítico que é o sertão queiroziano?

Algumas pessoas têm uma ligação muito intensa com o ambiente que os circunda, a partir disso, são movidas por ações que parecem ineficazes frente às condições naturais que se deparam, porém, mesmo assim, continuam persistindo e agindo, ainda que pense que há uma falta de lógica nas suas ações. N' *O Quinze* (2016), percebe-se esse tipo de posicionamento no personagem Vicente, pois mesmo algumas coisas dando errado, ele continua no seu lugar empenhando horas de trabalho para tentar dar continuidade àquilo que aparenta não ter mais jeito para prosseguir. Outro personagem muito ligado ao ambiente onde vive é Chico Bento, ele também tem seu horizonte de expectativas quebrado, mesmo assim faz dessa falta de expectativa um recomeço, um novo início.

Ao analisar esse desequilíbrio socioambiental é notável a presença de alguns afetos: *esperança* e *desamparo*, atuando de modo quase imperceptível, agindo de maneira distinta em diferentes personagens. Aquilo que faz Vicente, movido pela força de um afeto tomar uma decisão não irá acontecer da mesma forma em Chico Bento, pois ele já vai ser afetado por outro tipo de afeto.

Assim sendo, analisa-se o circuito dos afetos no sertão queiroziano, tendo em vista que os personagens sofrem afecções e a partir disso, passam a afetar os indivíduos da sua convivência. Os afetos possuem duas facetas se relacionando entre si, isto é, [1] afetar os sujeitos e [2] por meio deles permitir a circulação dos afetos. É algo que vem de fora e os modifica e com isso acabam afetando também o exterior. Pretendeu-se observar dois afetos que agem predominantemente na vida dos personagens, em especial, Chico Bento. Os afetos são: a *esperança* e o *desamparo*, estes dentro da conjuntura do *biopoder* que é o sertão configurado por Queiroz. Espera-se pensar as consequências desses afetos nas existências dos habitantes d' *O Quinze* (2016). Compreender como as relações entre os personagens fazem circular esses dois afetos para explicar as relações de poder que Rachel de Queiroz pretendia repudiar, mas também valorizar, no sentido de pensar e evidenciar as relações de empatia e alteridade formadas na dificuldade e sofrimento.

Face ao exposto, teve-se como objetivo problematizar os afetos *esperança* e *desamparo* n' *O Quinze* (2016), percebendo-os em sua ambivalência: [1] como elementos transformadores no modo de viver dos personagens, implicando em sentimentos ativos em meio a situações extremas de desproteção, por isso não podem ser temidos e, por outro lado, [2] como elementos paralisadores que provocam a inércia e a angústia, por isso não devem ser buscados. Analisou-se a complexidade dos afetos em relação ao contexto político da narrativa; Produziu-se uma leitura singular, por um viés anacrônico, d' *O Quinze* (2016), demonstrando a importância de estudar obras aparentemente esgotadas.

Ao analisar *O Quinze* (2016) sob uma perspectiva contemporânea, abre-se a oportunidade de expandir as possibilidades interpretativas de uma obra que passa a falsa impressão de restrição de suas significações pelo fato de muitas pesquisas já terem sido realizadas envolvendo suas temáticas. Com a pesquisa é possível realizar uma leitura peculiar para o cenário acadêmico, no sentido de demonstrarmos a atemporalidade, as nuances e significações possibilitadas pelas brechas na narrativa. Com o auxílio de uma perspectiva atualizadora, ação que visa contribuir para outros estudos sobre os clássicos, fazendo com que as lacunas interpretativas ainda presentes nessas obras receba um olhar particularizante.

Como uma oportunidade de demonstrar a multiplicidade de nordestes que Rachel de Queiroz transfigurou por meio de seus personagens e suas vivências, isso demonstrando a importância de uma obra como essa para repensar a realidade com toda sua complexidade. De modo mais particular o que nos moveu para realizar essa pesquisa foi como esse livro trouxe questões do sertão e o elo dos personagens com ele. A forma como a autora nos apresenta essa relação socioambiental e política, nos fazendo refletir o caráter atemporal da obra, pode ser interpretada e discutida à luz de teorias produzidas posteriormente, permitindo analisar ações descritas pela autora sob um viés presentificador e contemporâneo.

Tendo em suas discussões, aspectos sociais políticos e culturais de suma importância para compreender a vida em sociedade, essas teorias discutem as formas de poder entre os indivíduos, tentando evidenciar formas de viver, desde as pessoas mais abastadas financeiramente até chegar às mais humildes e necessitadas, com isso, teorias atuais explicam tipos de afetos que nascem em meio à sociedade, afetos responsáveis pela forma como os indivíduos se posicionam perante a existência.

Para ajudar nessas reflexões, os seguintes autores são usados como suporte teórico: Giorgio Agamben, Michel Foucault, Vladimir Safatle e Durval Muniz. A escolha por esses autores se justificou pelo fato de que seus estudos possibilitaram acessar *O Quinze* (2016) por uma via distinta, através de reflexões feitas sobre a modernidade e contemporaneidade:

perpassando a *biopolítica*, o *estado de exceção*, o *homo sacer* e o *campo de concentração*, chegando aos *circuitos dos afetos*, contribuindo para entender a invenção do Nordeste queiroziano. Enfim, com esse aporte teve-se a oportunidade de entender o sujeito e suas relações sociais desde aspectos mais nítidos até os mais sutis. Analisar por esse ângulo foi um estímulo a mais por se tratar de um livro escrito em 1930, pode-se mostrar que ele está bastante vivo.

Nesse trabalho colocou-se luz sobre lugares não muito evidenciados e que as pessoas persistem em deixá-los no esquecimento. Tentou-se ultrapassar a primeira impressão, a superficial. Para uns o sertão e o Nordeste trata-se somente de uma vida desoladora e triste, ardeada por miséria, com isto os temas mais sutis são esvaziados e/ou desconsiderados. Por isso, a urgência ainda em notar n’*O Quinze* (2016) os símbolos, as falas e as relações.

As teorias contemporâneas contribuíram para a nossa análise anacrônica, para o “anacronismo de textos”, usando a metodologia de Scramim (2007), e com isso expandiu nossas significações sobre o sertão queiroziano, favoreceu o distanciamento da ideia preconcebida de Nordeste muito recorrente em diversos discursos ao longo da história, tratando os nordestinos de forma estereotipada, limitando as possibilidades de analisar e compreender essa região, pois o que se costuma realçar são apenas os fatos do primeiro plano de leitura dos romances de trinta.

Por isso acabou-se colocando Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e José Lins do Rêgo no mesmo “compartimento” sem considerar as singularidades na forma de expressão e construção do mundo literário, não percebendo as peculiaridades presentes em cada obra, permitindo nos desvencilharmos dos discursos que contribuem para a invenção de um Nordeste rotulado como degradado e pobre. Pensamos da mesma maneira que o historiador Durval Muniz n’*A invenção do Nordeste*: há nordestes, por isso é imperativo reafirmarmos a pluralidade dessa região, além de irmos contra a subjugação e vitimização que desprezam as forças da multidão que habita o sertão e o Nordeste como um todo.

Com isso, se fez uma análise d’*O Quinze* (2016) relacionando com os temas-afetos *esperança* e *desamparo* com base no livro *O Circuito dos Afetos*, do filósofo Vladimir Safatle, uma vez que ele traz uma perspectiva política e psicossocial a esses conceitos, contribuindo para entender melhor dois dos vários personagens fabricados por Rachel de Queiroz. Sob o ângulo dessas teorias realizou-se uma leitura crítica da narrativa e com isso, operou-se, portanto, uma reativação da obra.

Esse trabalho caracterizou-se por um estudo analítico-interpretativo, visando esclarecer o modo como ocorre o circuito dos afetos no contexto biopolítico d’*O Quinze*

(2016), de Rachel de Queiroz, na vida dos personagens, principalmente em Chico Bento. No sentido de expor o modo de viver no sertão nordestino, partiu-se do aspecto sociopolítico para compreender as vivências e relações traçadas e, para isso, precisou-se conhecer o ambiente e tempo histórico usado como pano de fundo da narrativa. Além disso, esclareceu-se o que ocorre com Chico Bento e os outros personagens em meio à influência do *biopoder* e sua circulação de afetos. Com isso, essa pesquisa permitiu uma compreensão significativa do romance.

A presente pesquisa é dividida em dois capítulos teórico-analíticos, o primeiro capítulo é intitulado “ O biopoder e seus afetos: a esperança e o desamparo no sertão queiroziano”, esse capítulo foi dividido em quatro subtópicos: [1] “ O horizonte cinzento: contextualizando a seca d’*O Quinze*”, em que abordou-se o espaço sociopolítico da narrativa e a partir disso, passamos a conhecer algumas evidências da intensificação das dificuldades na vida dos personagens ocasionadas pela falta das chuvas; [2] “A invenção do nordeste queiroziano: esclarecendo o viés da análise”, trazemos alguns questionamentos envolvendo a invenção do Nordeste e as reflexões sobre o engessamento das interpretações feitas sobre os nordestinos retratados na obra em análise, a partir desses pressupostos demonstrou-se a gama de possibilidades interpretativas dentro dos nordestes transfigurados.

Na terceira parte, [3] “Os aspectos biopolíticos como motivadores dos personagens”, enfatizou-se a noção de *biopolítica* e *biopoder*, especificamente as formas de organização sociais estabelecidas e como isso reflete nas relações sociais dos personagens em suas comunidades; por fim, o quarto e último subtópico, [4] “A derradeira rês e a agudeza de desesperança”, evidenciou-se o surgimento dos afetos em virtude da biopolítica que organiza os seres em comunidades, fazendo circular afetos que movem os personagens fazendo com que tenham determinadas atitudes diante das situações.

O segundo capítulo desse trabalho tem como título “*Esperança e desamparo* como afetos biopolíticos motivadores dos personagens Chico Bento e Vicente”, ele está dividido em cinco subtópicos: [1] “Caminhando com os personagens e descobrindo o sertão queiroziano”, nele abordou-se a questão sobre a categoria personagem para o conhecimento da trama do romance, possibilitando conhecer o ambiente em que os personagens vivenciam seus conflitos de sobrevivência. [2] “O juazeiro é um só: a alteridade entre os personagens em meio ao caos”, enfatizou-se o estado de suspensão dos direitos humanos em que os personagens da narrativa foram submetidos, evidenciando as suas formas de reação e combate em meio ao descaso com suas vidas, quando se encontram reduzidos a apenas um composto orgânico sem valor, resumidas apenas à saciedade das funções fisiológicas.

No terceiro subtópico, [3] “Depois o mundo é grande: o desamparo como possibilidade de resistência”, enfatizou-se as consequências desses dois afetos na vida dos personagens e na abertura ao desamparo que possibilitou formas de lutas; [4] “A seca também tem fim: a resistência esperançosa de Vicente”, analisou-se a forma como Vicente é movido por uma vontade de continuar lutando para viver no sertão mesmo sem as chuvas, demonstramos a vontade de viver e resistir dos personagens em meio ao caos; [5] “A generosidade matuta como força de ajuda na ausência de dignidade” interpretou-se a situação degradante da vida de Chico Bento e seus familiares como *estado de exceção* que possibilitou a formação do *campo de concentração*, a partir dessa realidade, ressaltou-se a potência de agir e também a vontade de viver dos personagens em meio a miséria e a ausência de direitos humanos, transformando a triste realidade em energia para lutar pela transformação da vida.

CAPÍTULO 1 – O BIOPODER E SEUS AFETOS: A ESPERANÇA E O DESAMPARO NO SERTÃO QUEIROZIANO

*Choveu no dia de São José
 Pedra de sal derreteu
 Vou fazer minha fogueira
 Na ciência do meu povo nordestino
 Desde que eu era menino
 Aprendi com a natureza
 Na experiência que só se faz nesse mês
 No dezenove do três
 Eu já sei se tem colheita.*

(Ciência nordestina – Cabruêra)

1.1 O HORIZONTE CINZENTO: CONTEXTUALIZANDO A SECA D'O QUINZE

O romance de trinta pertence a uma estética literária que teve desenvolvimento muito significativo no cenário neorrealista da nossa literatura. Foi difundida por relatar acontecimentos particulares a regiões específicas do nosso país. Uma oportunidade de regiões geograficamente distantes notarem as especificidades de cada localidade, seus aspectos naturais, culturais, sociais, uma vez que foram apresentados ao público leitor, atestando assim a importância dos romances desse período: difundir nacionalmente questões invisibilizadas e silenciadas do Nordeste, justamente por esta região ser desprezada pelos jornais, governantes, Estado, União e elite do país.

Tendo em vista que na maioria das vezes os relatos evidenciados pela literatura sobre tais locais acabam sendo um pouco distorcidos pelo público leitor, muitas vezes, em virtude de incorporar um inconsciente coletivo que escuta e consome discursos cristalizados estereotipando o Nordeste. Na maioria das vezes, os leitores fazem uma associação relativista das características nordestinas. Em muitas situações, são desconsideradas as particularidades e nuances para se prender àquilo mais evidente, ao que é típico dessas regiões.

É preciso frisar o caráter particular de cada autor ao relatar os acontecimentos em suas narrativas, entende-se, em se tratando do romance de trinta, que não se pode relacionar as interpretações feitas sobre essa estética literária como sendo uma unidade de sentido equivalendo a todas as narrativas, pois isso colabora para se fechar suas significações,

engessando-as. Ressaltar a multiplicidade de interpretações dessas obras e desses nordestes retratados é uma forma de leitura que respeita o singular.

O Quinze (2016), assim como outros livros da mesma época, traz um conjunto de possibilidades interpretativas para abordar o meio e os personagens. Abrir espaço na primeira impressão é uma forma de chegar a outros lugares de análise. Observou-se uma forma de ler o nordeste queiroziano por meio das aberturas proporcionadas pela escritura. Como na seguinte passagem da narrativa:

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, dona Inácia concluiu: “dignai-vos ouvir nossas súplicas, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos. Amém.” Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala, interpelou-a: - E nem chove, hein Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena... Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes: Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar em abril (QUEIROZ, 2016, p.17).

Sertanejos como Dona Inácia têm uma relação de devoção muito forte com os santos, percebemos nesse trecho, a fé representada na esperança de um milagre acontecer através de São José. Este santo tem uma representatividade muito forte nas vidas dos devotos como Dona Inácia, que se espelham na representação desse santo que é padrinho dos trabalhadores, para eles, ele não irá abandoná-los nem deixar tudo acabar e morrer. Na região Nordeste, São José é representado como o santo que anuncia se o ano terá um bom inverno ou não, se chover no dia dezanove de março, isto é, o dia de São José, os sertanejos se revitalizam de esperança e até de certeza, pois tudo que foi plantado será colhido, e o sertão não ficará desprotegido e nem desamparado, pois o santo das chuvas determinou um bom inverno para que as pessoas simples dessa região possam colher seus alimentos graças a fé e devoção.

Isso nos mostra o quanto a vida dos sertanejos, como Dona Inácia, encontra-se esquecida pelos governantes, ao ter a certeza de não haver nem uma forma de ajuda advindas do poder para conviver com a seca. Essas pessoas acabam esquecendo o homem e o que ele pode fazer, recorrendo aos santos misericordiosos e as divindades, para as pessoas do sertão a fé em São José não é algo inacreditável, isto é, suas ações milagrosas para trazer chuva para o chão seco não são impossíveis de acontecer. Inacreditável mesmo é a elite do país fazer algumas ações para os sertanejos conseguirem manter minimamente a vida no sertão atravessado pela seca, e com isso, assegurar dignidade a todos. Para Dona Inácia, diante toda essa falta de perspectiva vinda do homem, a única saída para seus anseios é entregar a São José e esperar no seu milagre para trazer novamente vida ao sertão.

Dona Inácia se apega a fé, mesmo sabendo que a situação está caminhando para um momento difícil, mas ela não desiste de acreditar e rogar a São José para a chuva cair sobre o sertão, sua devoção é algo muito séria, nessa cena ela aparece muito dedicada às suas orações, sendo o diálogo restrito a poucas frases pronunciadas aleatoriamente entre uma oração e outra. Sua neta Conceição representa um contraponto, ao invés de rezar e interceder para São José prover o sertão com um bom inverno, ela empreende seus esforços e seu tempo para outro lugar, a moça fica presa a leitura, mas não a leituras religiosas determinadas pelo pároco da cidade, trata-se de leituras que fazem o ser humano pensar com a razão, deixando a emoção um pouco de lado, são textos de inspiração marxista que Ceição lê, influenciada pelos estudos de normalista na capital Fortaleza.

Conceição representa o avesso da avó, havendo um embate entre as duas compreensões de mundo, sua avó foca no que os preceitos católicos podem fazer para ajudar os pobres, já Conceição no que o próprio ser humano pode fazer para o seu bem-estar. Desse modo, podemos concluir o seguinte: Dona Inácia é uma personagem movida pela esperança, pois fica em seu lugar aguardando um milagre vindo dos céus para transformar o espaço que vive; já sua neta, quase descrente, não acredita muito na mudança vinda desta forma. Para ela, as mudanças são empreendidas pelo próprio ser humano. Com isso, as relações sociais e a própria situação de algumas pessoas viverem na miséria não será consertada apenas com a fé em São José, para a moça somente com a ação e atitude do homem em fazer algo para a mudança se realizar.

As duas mulheres da cena representam dois polos de entendimento do funcionamento de uma sociedade e dos conflitos existenciais nela existentes, uma com suas raízes fixadas nas tradições, na religiosidade, na fé, e a outra aberta as novas reflexões sobre a sociedade e o homem, ligada aos avanços da ciência trazendo novas explicações sobre os fatos naturais e sociais, fazendo-a ficar mais cética em relação a fé e as possíveis divindades redentoras dos problemas enfrentados pelo povo sofredor do sertão.

Percebe-se que por trás de um ambiente de calma e também de insegurança, existem formas de se relacionar com os possíveis acontecimentos, isto é, uma expectativa em relação ao futuro, podendo ser motivo para a apreensão. Sabe-se estar se tratando das calamidades da seca, todavia o mais importante a ressaltar são as relações que se dão na miséria, não considerar somente a imagem do sertão sofredor e de fervor religioso como aparece na cena descrita anteriormente, tipificando os seres e o espaço unicamente com tais características. Dessa forma, pode-se caminhar tendo em vista o avesso, pela consciência da invenção de um Nordeste.

Identificou-se ainda nessa cena, o modo como essas personagens são apresentadas, sendo fortemente movidas por alguns afetos, estes surgem da forma como a biopolítica organiza os seres em uma sociedade, com isso, os afetos incidem sobre o sujeito, uns são mais afetados pela *esperança* como Dona Inácia (Mãe Nácia), outros pelo *desamparo*. Em virtude disso, passam a viver conforme os afetos, mesmo com a situação ficando cada vez mais preocupante continuam empreendendo o esforço da espera, em ter *esperança* no futuro como Mãe Nácia, nessas situações, se comportava em relação ao tempo que estava porvir.

Mãe Nácia é uma senhora fazendeira do sertão de Quixadá apegada ao seu lugar e aos animais dos seus cuidados, sempre na *esperança* de uma solução para a situação que estava se agravando cada vez mais, pois março estava terminando e o inverno não começava. A natureza não apresentava sinais da chegada das chuvas, pelo contrário, as evidências naturais indicavam uma seca contínua. Para os sertanejos a natureza sempre dá sinais do que está para acontecer, algumas pessoas do sertão aprenderam a decifrar as mudanças e os significados representados por ela: o céu, os ventos, as plantas, os passarinhos, todos esses elementos são entendidos como sinais para prever se haverá um bom inverno ou não.

Quando Mãe Nácia e Conceição estão a observar a noite tentando identificar o céu, elas percebem os sinais da natureza trazendo notícias indesejadas, o céu estrelado sem nenhuma nuvem, a lua limpa, tudo contribuindo para reafirmar seus temores, mas mesmo assim Dona Inácia permanece esperançosa com a chegada do inverno, percebe-se que ela está dominada por um circuito de afetos responsáveis a fazerem persistir, confiar, mesmo os sinais da seca ficando cada vez mais presentes e reais.

A forma como uma organização política, econômica e social está instaurada em uma determinada comunidade, e como ela controla seus indivíduos, ou seja, o modo como organiza e dita as regras de convivência de cada ser e a maneira deles atuarem nesse ambiente, contribui para o surgimento de um jogo de afetos, isto é, quando os personagens começam a ter seus desejos e sentimentos reprimidos, isso também é fruto de alguns afetos que impossibilitam a sua realização.

Com isso, entende-se uma sociedade como uma organização guiada por afetos gerados pela forma de governo, pode parecer um pouco estranho, seres humanos e sociedades agirem movidos por afetos, mas os interesses políticos e econômicos do Estado fazem com que se desenvolva em meio a sociedade um circuito de afetos para promover a sua concretização e a sua permanência, esta é a principal tese do filósofo Vladimir Safatle em seu livro *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* (2016).

Nesse sentido, os afetos começam a circular dentro das comunidades da qual eles fazem parte, pessoas que não pertencem a esse lugar, como Conceição, acabam absorvendo a mesma apreensão e o mesmo desejo das chuvas. Conceição, por morar em Fortaleza e só passar as férias do professorado com a sua avó, não estava ligada diretamente àquele meio, era um pouco estranha e quase indiferente a situação enfrentada pelos sertanejos em períodos de seca.

Conhecendo apenas por ouvir falar das consequências como se estivesse assistindo ao drama de fora, mas na atual conjuntura da narrativa ela está participando do sofrer de uma terra esquecida pelos poderosos, mesmo sendo a experiência do sertão de Quixadá resumida em poucos dias de férias. Conceição é absorvida pelas relações afetivas e humanas, ao ver todo o sofrimento da sua avó ela começa a ser afetada pelo modo como Dona Inácia está vivendo, a partir das influências sociais, políticas e culturais que Conceição passou a vivenciar por causa de Mãe Nácia, os afetos passaram a lhe afetar também. No trecho seguinte vemos:

E Conceição com o farol de querosene pendendo do braço, passou diante do quarto da avó e entrou no seu no fim do corredor. Colocou a luz sobre uma mesinha, bem junto da cama – a velha cama de casal da fazenda -, e pôs-se um tempo à janela, olhando o céu. E ao fechá-la, porque soprava um vento frio que lhe arrepiava os braços ia dizendo: - Eh! A lua limpa, sem lagoa! Chove não! [...] E, deitada, à luz vermelha do farol, que ia enegrecendo o alto da manga com a fumaça preta, na calma da noite sertaneja, enquanto no quarto vizinho a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário. [...] Até que dona Inácia, ouvindo o cuco do relógio cantar doze horas, resmungou de lá: - Apague a luz, menina! Já é meia noite! (QUEIROZ, 2016, p.18-19).

Entende-se que Conceição e Mãe Inácia compartilham os mesmos afetos, as relações estabelecidas entre neta e avó, e os trabalhadores da fazenda, com o próprio meio ambiente do qual faz parte agora, ou mesmo as histórias ouvidas das calamidades sofridas nas fazendas dos familiares, fazem a moça da capital entrar nessa sociedade guiada pelos afetos locais, estes, responsáveis pelo modo como essas vidas estão, pois é no encontro de um ser com outro ser, (de um personagem com outro), de um corpo com outro corpo, ou mesmo do encontro do indivíduo com as condições do ambiente ao qual está inserido, que ele passa a sofrer afecções.

Fazendo um paralelo do relacionamento de Conceição como as influências do seu meio e do que ocorreu com Euclides da Cunha ao viver a experiência de Canudos, nota-se que antes de sua inserção naquele meio, ele via o movimento messiânico de Canudos como uma afronta a República, tendo como um dos seus deveres condenar o que estava ocorrendo

naquele lugar, mas no momento que o autor começa a vivenciar aquele espaço ele muda a sua visão, começando a admirar aquela gente, entendendo o porquê deles viverem apartados do restante da sociedade, criando uma admiração por essa forma de resistência advinda de pessoas carentes e esquecida do sertão baiano. Euclides passou a ser afetado pelas emoções e sentimentos pertencentes a sociedade alternativa Canudos, demonstrando em *Os Sertões* seus pensamentos sobre a gente sofrida, demonstrando apoio e admiração pela luta social.

Percebe-se em Conceição um novo posicionamento frente ao futuro e seus acontecimentos possíveis, ela fica quase igual à avó, olhando o céu examinando se poderia enxergar algum vestígio do começo do inverno para trazer conforto ao seu coração e ao de Mãe Nácia. À noite, para elas, era quase passada sem dormir, com *esperança* e ao mesmo tempo *medo*, uma olhando para o céu a procura de nuvens que trouxessem água para dar vida ao que já estava morrendo, e a outra rezando na *esperança* de um milagre para reviver o sertão e as pessoas.

Para os personagens estarem nesses lugares passando por determinados sentimentos como insegurança, dúvida, tristeza e/ou confiança, por exemplo, só é possível pela presença de um circuito de afetos atuando por trás, isto é, neste caso, das comunidades queirozianas presentes na narrativa, permitindo estarem da maneira como são apresentadas. A forma que Conceição e Dona Inácia passam a viver traduzem os efeitos dos afetos em suas vidas, e com isso começam a ter sentimentos derivados da *esperança* e do *medo*.

Sentimento é uma tradução social dos afetos, isso permite pensar o sentimento como algo advindo da maneira como um indivíduo está sendo afetado. Por exemplo, o sujeito afetado pelo *medo* possui sentimentos que correspondem a esse afeto, ao ser afetado pelo *desamparo* outros sentimentos irão traduzir socialmente o modo como o indivíduo está. Pode-se dizer que afeto e sentimento são diferentes, mas se correlacionam, sentimento origina-se do afeto, e este se traduz socialmente por meio daquele.

1.2 A INVENÇÃO DO NORDESTE QUEIROZIANO: ESCLARECENDO O VIÉS DA ANÁLISE

O Quinze (2016) vem sendo estudado e analisado há várias décadas, por diferentes perspectivas, mas, em alguns casos, desembocam nos estereótipos que compõem o rótulo “literatura de seca”. As imagens construídas ao longo das leituras feitas, na maioria das vezes, giram em torno de algumas sedimentações identitárias, fazendo da região Nordeste somente

um espaço de mazelas decorrentes da falta de chuvas e comida, restringindo os múltiplos sentidos das narrativas produzidas na década de trinta.

São ações desenvolvidas ao longo da narrativa que nos fazem refletir a figura do sertanejo nordestino, este por muitas vezes tem sua imagem associada a coisas menores, não abrindo espaço para uma análise além do preconceito. Essa reflexão sobre como o público leitor interpreta as narrativas que abordam esses fatos relacionados com a região nordestina são de fundamental importância para desconstruirmos ideias pré-concebidas ao longo do tempo. Isso favorece outras formas de perceber e entender as peculiaridades de cada livro e, com isso, de cada lugar, de cada região, e dos personagens pertencentes a esses ambientes evidenciados nas leituras.

Essa análise, evidentemente, fala sobre a seca, mas para demonstrar que os personagens podem lutar para minimizar seus impactos. Alguns estudos sobre a seca acabam focando na forma sofrida como se não houvesse mais solução e as pessoas apenas possuíssem a opção de aceitar o descaso e abandono esperando o pior ou alguma medida redentora. Desse modo, esse estudo valoriza a resistência e superação de alguns personagens.

As relações existentes entre os personagens que compõe essa história trazem aspectos permitindo quebrar uma primeira impressão do Nordeste. Se observar o nordeste queiroziano, nas comunidades habitadas por seus personagens, existem formas de resistência para as ações sociopolíticas que nada fazem para ajudá-los. Existe uma força atuando nas ações de alguns personagens de modo a tentar amenizar a miséria enfrentada pelos seus semelhantes.

Entendeu-se por comunidade as formações sociais que existem no sertão queiroziano, a fazenda de Dona Inácia é um exemplo, morando ela, sua neta, as famílias dos trabalhadores, sua criação de animais e dentro dela existem a circulação de afetos oriundos do modo que os governantes exercem o poder sobre eles. Sendo assim, como na Fazenda das Aroeiras, habitada pela família de Chico Bento, as fazendas vizinhas, como a de Vicente, compõem outras comunidades, estabelecendo ligações afetivas entre si, partilham do sofrimento uns dos outros, ajudando-se no que é possível.

Quando Dona Inácia pensa em deixar sua fazenda e as famílias de vaqueiros sem recursos ela se compadece, isso passa a ser um dos seus sofrimentos, pois se a chuva não aparecer, terá que ir junto com a neta para Fortaleza e deixá-los sem ajuda, sofrendo os efeitos do descaso. A angústia da espera das chuvas sem respostas também começa a abater Vicente, por não saber como será a vida dos seus animais e das próprias famílias de trabalhadores que moram na sua fazenda. Sem a fertilidade das águas trazendo um pouco de dignidade para as pessoas, ele começa a pensar como será o futuro naquele lugar ao saber que a dona das

Aroeiras abandonou o gado e o vaqueiro (Chico Bento) deixando-os sem assistência e sem destino, jogando-os fora da vida social passando a viver as misérias do descaso.

Vicente também sofre com a frieza da fazendeira em deixar os trabalhadores à mercê da sobrevivência. Isso nos faz pensar nas relações de pertencimento entre as pessoas do sertão, as tentativas de ajuda que mal podem ajudar a si mesmo, demonstrando uma identificação entre os personagens, nos fazendo perceber a circulação de afetos ativos permitindo a luta contra tantas adversidades.

São aspectos colaboradores para não recairmos no lugar comum do estereótipo e da vitimização, nesse sentido, o historiador Durval Muniz (2011, p. 30) ressalta: “o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”. Entende-se essa forma de se relacionar com o desconhecido de maneira estereotipada, como fruto do desconhecimento do outro e de sua cultura, como também, de uma forma de desconsiderar as características individuais de cada região retratada, ou simplesmente pela ausência de vontade sem possuir empatia, cooperando para a formação de um Nordeste sem diferenças, construído e formado ao longo do tempo por discursos sem uma interpretação mais profunda, alimentando uma ideia incompleta sobre o lugar, ou seja, ficando em evidência aquilo de mais aparente/superficial, deixando de lado os aspectos complexos sobre os nordestinos.

Ao ler a conversa de Conceição com Mãe Nácia percebe-se aspectos compondo uma imagem da sociedade presa ao catolicismo e as questões características das cidades do sertão do Nordeste, se ficarmos apenas na primeira impressão da cena, isso pode parecer muito forte, tendendo a prender a atenção do leitor unicamente para essa característica. Todavia, por outro lado, para essa cena se formar aos nossos olhos ela decorre de pontos que podem ser despercebidos na imagem dessas duas mulheres nordestinas apreensivas em uma noite sertaneja a olhar o céu estrelado, são duas mulheres, sozinhas em meio ao modelo patriarcal comum na época.

Saindo um pouco do primeiro plano e adentrando aos bastidores responsáveis pela imagem final, identificou-se o biopoder e em decorrência dele surgem afetos fundamentando o modo como os personagens se encontram, ou seja, pelas brechas pode-se compreender o que acarretou a composição desta cena. *O Quinze* (2016) não é apenas um romance tratando de um Nordeste caricatural, de tradições religiosas e do drama da seca, também é isto, mas os fatos presentes nas entrelinhas permitem nos aprofundar nos nordestes menores, profundos e

singulares, os das relações humanas que neles existem, com isso, se distanciando do Nordeste único construído pelos estereótipos.

Os discursos existentes sobre o Nordeste estão firmados e consolidados em aspectos sociais, históricos e culturais que permitiram se perpetuarem. Então para *O Quinze* (2016) possuir muitas vezes a mesma leitura, geralmente apenas enfocando no que existe de mais típico do Nordeste, só é possível porque existem ideologias sustentando esses discursos. Ao enunciarem determinado discurso, os sujeitos estão fazendo desta forma porque suas subjetividades são marcadas por aspectos sociais, ideológicos e históricos, permitindo dizerem um enunciado como, o Nordeste, por exemplo, apenas demonstrando pontos de cristalizações tipificadas. Sobre isto entende-se que:

O discurso tem existência na exterioridade do linguístico, no social, é marcado sócio-histórico-ideologicamente. Na exterioridade do linguístico, no social, há posições divergentes pela coexistência de diferentes discursos, isto implica diferenças quanto a inscrição ideológica dos sujeitos e grupos sociais em uma mesma sociedade, daí os conflitos, as contradições, pois o sujeito, ao mostrar-se inscreve-se em um espaço sociológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição [...]. (FERNANDES, 2007, p. 28).

A maneira como um sujeito diz um enunciado seja tipificando uma região ou não, isso vai depender da sua inscrição sócio-ideológica permitindo que tal enunciado seja transmitido e replicado. O sujeito é influenciável discursivamente pelo seu meio social, pelas pessoas do seu convívio, pelas bases históricas que fundamentaram a sua comunidade, quando os discursos são colocados em evidência ressaltando as principais tipificações, dentre elas: o nordeste da seca, da miséria, do xique-xique, das terras desérticas, das mulheres religiosas de devoção aos santos, dos homens valentes e cangaceiros cruéis; quando se fala em Nordeste ressaltando essas imagens recorrentes atribuídas a esse lugar, como se o Nordeste fosse apenas esses retratos exóticos, isso é reflexo das relações históricas e ideológicas que influenciam os sujeitos a dizerem tais enunciados.

Para isso não se tornar uma verdade é necessário ressaltar as formas individuais que cada autor tem ao se relacionar e descrever nossa região, diferenciando-os, pois estes possuem formas distintas de evidenciar o meio, pois o que acabou ganhando importância foram falas já estabilizadas, na maioria das vezes, construídas nas relações de poder, realçando a imagem de um Nordeste já bem conhecido e difundido como sendo somente pobre e arcaico. Por isso:

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do

sistema de poder, mas inerentes a este sistema de força e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e de saber a elas correspondente. [...] Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. (MUNIZ, 2011, p. 31).

Fica nítida a necessidade de abordar o Nordeste como sendo objeto de diversos pontos de vista e diversas problemáticas. É necessário desconstruirmos a ideia de um Nordeste enquanto fardo a ser carregado pelo restante do país. Por isso, para Muniz (2011), há a existência de nordestes, no plural, e não se pode pensá-lo desconsiderando sua diversidade.

O perigo de embarcar no pensamento predominantemente xenofóbico ajudando a repassar uma ideia não condizente com o real, perpetuando cada vez mais um discurso limitado sobre a região e as pessoas que a habitam. Torna-se muito importante reafirmar as singularidades significativas das obras, pois cada uma traz um Nordeste distinto, com experiências e relações socioambientais variadas, sendo esse espaço ressignificado e apresentado de acordo com o contexto de formação, por isso a importância de se pensá-la em suas multiplicidades, os aspectos regionais, sociais e humanos, auxiliando na formação de distintas regiões nordestinas no que compreende-se por Nordeste.

Essa é uma maneira de entender um nordeste, não se limitando unicamente em repetir o que já se sabe, mas, perceber outros matizes presentes na obra, para apresentar outras interpretações desse espaço ressignificado pela autora, para não cair nas repetições discursivas, afinal:

Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza. O Nordeste é tomado, neste texto, como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior. (MUNIZ, 2011, p. 35).

A repetição de determinados tipos de interpretação sobre o Nordeste é uma forma de encaixá-lo em um mesmo lugar de significação, corroborando para a ideia de um espaço em que tudo pode ser pensado da mesma forma como descrito e entendido através dos discursos mais típicos sobre a região, desconsiderando as outras vias de acesso às pessoas e relações sociais que ajudaram a formar o lugar.

Por exemplo, se ficarmos numa primeira impressão, Dona Inácia e Conceição são uma senhora religiosa cuidando de sua neta na noite sertaneja, representando assim um quadro muito característico da cultura do sertão, habitado por mulheres religiosas com padrões rígidos de uma sociedade machista. Quando adentramos percebe-se uma senhora guiada por afetos que estão mexendo com seus desejos e sentimentos em virtude das relações de poder que estão instauradas naquele lugar, conhecemos uma Conceição com atitudes diferentes das moças do sertão, com outros desejos e ambições para sua vida, como se pode identificar na seguinte parte:

Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá. Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia. [...] Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona. Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... - Esta menina tem umas ideias! Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que lhe saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó. Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso ideias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados, e que pecavam principalmente pela excessiva marca de casa. (QUEIROZ, 2016, p. 19-20)

No começo da narrativa Conceição surge meio isolada em seu mundo, no seu quarto, a única coisa que a chama atenção são seus livros, o mundo exterior não conseguia ultrapassar os limites da janela do quarto da moça, talvez suas leituras tenham contribuído para deixá-la desiludida em relação ao que a maioria das pessoas acreditava, fazendo-a distante dos problemas reais do seu entorno para se prender às inquietações trazidas em seus livros. Um modo sutil de Queiroz dizer que pouco vale a teoria sem a prática.

Era como se o conhecimento estivesse retirado do seu ser a *esperança* que anima os sertanejos, por saber muitas coisas sobre as relações entre os homens, e da forma como o poder enxerga a vida dos mais pobres, Ceição acabava não tendo tanto otimismo em relação ao futuro, por mais indiferente que ela estivesse sobre os fatos presentes, seu lado solidário acabou direcionando seu caminho aos das pessoas mais sofredoras, passando a participar do sofrer de outros personagens, fazendo com que todo aquele mundo no qual encontrava-se isolada passasse a fazer parte da sua vida.

Viu-se em Conceição um lado distinto da figura típica de uma moça sertaneja, suas atitudes quebram a ordem dos paradigmas para uma moça do sertão, ela era independente, gostava de lutar para construir seu próprio futuro, de se informar, de conhecer o mundo por meio da leitura, o sonho do casamento apesar de fazer parte dos desejos da maioria das mulheres, para ela não chamava muito atenção, casar não é a sua prioridade.

Para Ceição, as suas leituras são mais interessantes que o casamento, porém não é qualquer leitura, ela tem preferência por clássicos, livros que abordam a temática do socialismo, da posição da mulher na sociedade, fazendo-a refletir sobre a vida e as relações humanas, assim como, as desigualdades na sociedade por meio das divisões sociais, ou seja, Conceição passeia por esses temas e essas reflexões para entender melhor o mundo e o ser humano.

Por meio das leituras, começa a questionar os padrões estabelecidos na sociedade, e com isso, passa a ser contra as coisas erradas, encobertas pela tradição e moral social, isto é, muitas das repressões exercidas pelo homem em relação a mulher, ou mesmo as cometidas por aqueles que têm poder sobre os mais humildes, colocando essas vidas em estado de sofrimento. Ela percebe o quanto ainda está longe dos ideais trazidos nos livros, como está distante tornarem-se realidade cotidiana, o quão discrepante ainda é essas duas realidades, a descrita e almejada por suas leituras e a vivida e experienciada por ela.

Desse modo, a maneira como as pessoas vivem e o seu relacionamento com o meio ambiente, as formas de trabalhar a natureza, assim como as origens do Estado e o modo como ele foi desbravado e habitado, ajudam a fazer a região Nordeste um lugar impossível de ser restringida e enquadrada como uma unidade significativa sociocultural, impossibilitando considerar em *O Quinze* (2016) apenas as suas aparências mais comuns, pois, por mais claras e aparentes que as cenas chegam ao leitor sempre ficam aspectos significativos encobertos pelas caracterizações mais típicas.

1.3 OS ASPECTOS BIOPOLÍTICOS COMO MOTIVADORES DOS PERSONAGENS

As condições de cada ambiente influenciam o homem a ter determinados modos de vidas, os circuitos de afetos vivenciados no sertão nordestino, não são os mesmos vivenciados na zona da mata nordestina, por exemplo. As formas de poder são firmadas sob outros princípios, tendo em vista a presença da biopolítica agindo de maneira específica em cada lugar, por isso não se pode entender o Nordeste em unicidade equivalendo para todos os

estados nordestinos as mesmas características, pois se assim o fizer não estará levando em consideração os nordestes dentro do Nordeste, impedindo outras abordagens e enfoques, desprezando a riqueza da narrativa, trata-se de desvincular os discursos do lugar-comum para tentar trazer outros olhares para o nordeste queiroziano. Nesse sentido, a biopolítica influencia o modo como os sujeitos estão organizados e controlados socialmente:

A essa tecnologia disciplinar se soma uma outra que durante o século XVIII, vai ser direcionada não ao “**homem-corpo**”, mas ao “**homem-espécie**”, essa outra e nova tecnologia disciplinar “tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados eventualmente punidos”. (p. 289). A essa forma política Foucault chamou de “**biopolítica da espécie humana**”, que significa que depois de ter poder sobre o indivíduo, o poder também é exercido sobre um grupo, “**massa global**” (diz respeito entre outras coisas aos controles de natalidade e mortalidade, e também controles de epidemias que prejudicavam a política na Idade Média). (FOUCAULT, 2000, p. 289 *apud* SANTANA, 2005, p. 2).

Partindo desse ponto, o biopoder tem o domínio sobre a vida dos indivíduos, estes são vistos por meio de sua espécie, ou seja, na perspectiva da biopolítica o poder exerce o controle sobre o indivíduo e também sobre um grupo, dessa forma, controla uma sociedade a partir de cada corpo individual, na junção de cada corpo em uma comunidade. As pessoas que estão no poder controlam o grupo social. A biopolítica está voltada para formas de controle dos corpos, passando a haver um monitoramento para evitar possíveis problemas que em uma escala maior possam comprometer a população que a compõe.

Desse modo, Dona Inácia, Conceição, Vicente e Chico Bento, são personagens organizados socialmente sob a biopolítica, cada um deles estão submetidos a determinadas formas de controle para a sociedade funcionar de maneira mais adequada para a elite, entendemos assim, que tentar fazer Chico Bento permanecer na fazenda era contra os interesses de Dona Maroca, não havia mais necessidade de controlar o vaqueiro, pois naquelas condições ele não tinha mais serventia.

Identificou-se n’*O Quinze* (2016) um ambiente de muita insegurança traduzindo o drama da seca vivido na realidade, nota-se um espaço sociopolítico propiciando determinadas formas de ação e posicionamento dos personagens, reflexo dos afetos, em relação ao que está acontecendo e ao que irá acontecer. Percebe-se uma disposição em relação ao tempo, desde o presente até futuro, permitindo conhecer vivências logo nas primeiras partes de *O Quinze* (2016), apresentando o ambiente físico e a atmosfera onde se desenvolverá as relações da narrativa, servindo para compreender como ocorre o relacionamento entre os homens e a

natureza, e a própria relação dos homens entre si e de como o poder é exercido sobre eles. Saber como e onde esses personagens vivem é uma forma de compreender o que irá movê-los. Como na seguinte passagem:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando as ancas, devoravam confiadamente os rebentões que as pontas dos terçados espalhavam pelo chão. Era raro e alarmante, em marco, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sobriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. [...] – Por falar em deixar morrer... o compadre já soube que a dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... não tem mais serviço pra ninguém. (QUEIROZ, 2016, p. 20-21).

Já se começa a ter uma noção do lugar em que os personagens estão imersos, vivendo em um sertão castigado pela seca, preenchido pelo abandono das instituições estatais que poderiam de alguma forma tornar suportável a realidade. Encontra-se um lugar de pessoas lutando e tentando sozinhas promover vida em meio ao descaso, observa-se também, a forma como a dona da fazenda acaba tratando seus trabalhadores, estes são animalizados, e assim como os animais, eles têm suas vidas diminuídas e desprezadas, representando a falta de alteridade com o seu semelhante em situações de necessidade.

Pode parecer uma “normalidade” esses desfechos ocasionados pela seca, dando a impressão que se apresenta de maneira inevitável, mas ao analisar esses acontecimentos por meio de uma leitura anacrônica d’*O Quinze* (2016) a partir de teorias gestadas posteriormente a criação da narrativa, percebe-se acontecimentos frutos do biopoder, instaurando uma ordem social e, por meio dela, o surgimento de um circuito de afetos que animam os personagens.

A biopolítica, segundo Foucault (2000), teve início no século XVIII, ganhando força e se prolongando até a nossa contemporaneidade, por apresentar uma visão mais profunda sobre o Estado (e suas fragmentações) e sua posição perante os indivíduos de diferentes tipos, incluindo pobres e ricos, e como sua força está agindo sobre eles. A realidade queiroziana pode ser interpretada sob essa perspectiva, nos fazendo entender a máquina invisível e suas muitas formas de percepção, mas funcionando como organizadora da sociedade para se alcançar determinados objetivos.

Dessa forma, biopolítica é o conceito criado por Foucault para refletir o tipo de relação existente entre o Estado e os indivíduos da sociedade moderna. Esse conceito também é ressignificado pelo filósofo italiano, Giorgio Agamben (2002), tendo como premissa a

atividade política do Estado como uma ação de governo baseada na vida biológica dos indivíduos, ou seja, o Estado passa a ter controle sobre os corpos das pessoas, com isso ele consegue controlar a população da melhor maneira possível para manter a “ordem” e o “progresso”.

Indivíduos como Dona Inácia, Conceição, Chico Bento, Vicente e alguns outros da narrativa, acabam não percebendo que na maioria das vezes seus corpos estão sendo controlados e manipulados para se manterem num padrão almejado pelos poderosos. Desse modo, percebe-se os personagens citados acima como entes cujo Estado não disponibiliza de muitos cuidados, são seres desvalorizados. A partir disso, surgem alguns tipos de afetos decorrentes da forma como a biopolítica está instaurada, sendo a única forma de saída para os problemas enfrentados, a condição de estar desamparado, pois esse afeto leva os sujeitos a se desvencilhar das amarras sociais e afetivas que estão proporcionando a submissão e sofrimento.

Safatle (2016) estuda a presença de circuito de afetos em meio à política, tal circuito age a todo momento sobre os indivíduos. Assim, o autor vem dizer que nós agimos pela força dos afetos, em cada situação temos a possibilidade de sermos afetados por afetos diferentes, ocasionando em consequências distintas no modo de viver. Pode-se entender a existência de uma estrutura de afetos organizando a sociedade e suas formas de vida, afetos políticos instaurando uma ordem nos indivíduos em relação àquilo que está posto como norma, agindo de forma imperceptível como organizadores desses seres em uma sociedade, fazendo-os agirem guiados pela força de afetos predominantes em suas vidas em determinados momentos, colaborando com tipos de iniciativas perante os fatos que surgem no seu cotidiano, passando muitas vezes sem ser notado. Encontra-se esses tipos de afetos circulando n’*O Quinze*:

– E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu a carne tem de roer os ossos... O vaqueiro bateu o cachimbo num tronco e pigarreou um assentimento: – Do que tenho pena é do vaqueiro dela... Pobre do Chico Bento, ter de ganhar o mundo num tempo destes, com tanta família! (QUEIROZ, 2016, p. 22)

Nota-se o surgimento de formas para o homem se relacionar com os seus semelhantes e com o seu meio, isso também advém da maneira de quem está no poder governar os corpos desses indivíduos enquanto vidas biológicas, percebendo-as como possíveis potencialidades

ou não, no sentido de ser útil, contribuindo financeiramente para as instituições governamentais e para as pessoas ricas do país.

Os seres humanos comuns têm suas possibilidades restringidas, justamente pela exploração do biopoder controlando e escolhendo o “melhor” para a sociedade. Muitas vezes, o “melhor” para manter o controle da população acaba sendo esquecer o que é considerado problema, esquecer aquilo que pode comprometer a ordem social, para ele se extinguir, e com isso, promover a vida daqueles considerados dignos. Percebe-se, que uns são menosprezados e esquecidos para outros progredirem e serem beneficiados.

Quem mora no sertão tem um posicionamento diferente das pessoas que moram fora dele, da mesma forma que Dona Maroca é fazendeira, Vicente também o é, ele poderia agir da mesma maneira que a mulher em relação ao seu gado e aos seus trabalhadores, para ela tudo aquilo é visto como fonte de lucro, quando isso não é mais possível nada mais a prende, passando a fazer o que bem entender, mesmo sua decisão sendo prejudicial para Chico Bento e para a vida dos animais, não existe uma ligação afável com as pessoas que nele vivem, fisicamente ela não faz parte daquele espaço, daquela sociedade, não existe nenhuma conexão, ela encontra-se alheia aos efeitos das relações humanas lá existentes, pois no lugar ao qual ela está os circuitos dos afetos são outros.

Isso se justifica pela maneira como Vicente se posiciona em relação aos problemas da seca, mesmo sendo fazendeiro como Dona Maroca, não age da mesma forma, demonstra sentir a dor do outro, pois ele, Chico Bento e os seus trabalhadores compartilham do mesmo circuito de afetos, mesmo existindo uma diferença social entre eles, por ele ser dono da fazenda e os outros empregados.

Existe sim uma diferença entre essas pessoas consideradas mais abastadas financeiramente, elas se posicionam em relação a uma temporalidade futura de forma distinta, Dona Maroca não projeta nenhuma *esperança* no porvir, não fica dependente desse afeto, de modo contrário Vicente tem uma expectativa em relação ao futuro, ou seja, tem *esperança* de algo bom acontecer. Ela não é afetada pelo sertão queiroziano do mesmo jeito, diferentemente de Vicente que vivencia os efeitos das afecções em sua vida e na sua comunidade, por mais que ele tente lutar é muito difícil ir além.

1.4 A DERRADEIRA RÊS E A AGUDEZA DE DESESPERANÇA

Pelas palavras de Vicente nota-se as consequências dos afetos na vida dele e dos outros personagens, os afetos responsáveis pelos acontecimentos causam um sentimento de incapacidade perante os fatos concretizados, restando apenas a opção de aceitar o descaso e a quase impossibilidade de reverter o quadro de desigualdade e abandono, colocando esses personagens em situações das quais eles não sabem mais como se defender e planejar para poder se comportar diante do que pode vir, pois os afetos responsáveis pelo estilo de vida vivido por eles, não permite outras formas de agir a não ser essas estabelecidas nas suas relações.

A sua dependência das instituições de governo e das pessoas abastadas bloqueiam seus atos, resultando em uma falta da perspectiva de reverter a situação, isso em alguns personagens queirozianos não se torna um fim, mas sim, a abertura para a contingência, eles não estão presos aos afetos que os bloqueiam, mas por outros, não limitando os seus posicionamentos sobre a vida, sendo assim:

[...] talvez precisemos partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos. Enquanto sistemas de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de forças de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vidas determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, eles precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamentos definindo, com isso, o campo dos possíveis. [...] Nesse sentido, quando sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos. Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem. Por isso quando uma sociedade desaba, leva consigo os sujeitos que ela mesma criou para reproduzir sentimentos e sofrimentos. (SAFATLE, 2016, p. 15-16).

De acordo com o filósofo, esses afetos existentes na convivência são os responsáveis pela forma como os sujeitos podem se posicionar diante dos acontecimentos que surgem na vida deles. Para Safatle (2016), em meio a biopolítica acabam surgindo afetos entendidos como potencializadores e/ou reguladores das ações e das expectativas em relação a uma temporalidade, a depender de qual está agindo de maneira mais intensa nos seres.

Nessa concepção existem afetos compreendidos como limitadores de nossa potência de ação. *Esperança* e *medo* têm sua existência de modo correlacionado, isto é, não existe um afeto sem o outro, quem tem *esperança* na realização de algo também tem *medo* da não realização das suas expectativas, eles se escrevem em uma mesma relação com o tempo,

indivíduos movidos por esses dois afetos têm sua potência de ação bloqueada, fazendo-os permanecerem nas mesmas condições de vida.

Chico Bento, no momento que é considerado inútil para a fazenda que trabalhava, encontrava-se preso a esses afetos, sua vida passa a girar em torno da expectativa das chuvas e da renovação da vida através da revitalização das águas, trazendo junto consigo um pouco de dignidade e de acalanto para seu viver apreensivo.

Dessa forma, ele não se abria para outras possibilidades fora do seu desejo, não existindo outras opções de saída a não ser aquela esperada, isso acaba tornando-o dependente da dona da fazenda, como se ela fosse lhe proteger caso algo ruim acontecesse, ao colocar o poder de sua vida nas mãos da dona da fazenda, Chico Bento se transforma em um ser manipulável e condizente aos interesses de outrem, deixando assim de ter autonomia sobre suas ações, bloqueando a sua potência de existir, colaborando para neutralizá-la. Por isso, de início, fica sem ação quando perde a figura de proteção de Dona Maroca e a *esperança* da chuva.

Nesse sentido, *esperança* e *medo* são compreendidos como limitadores da potência de ação desses personagens, tendo em vista a relação de expectativa em relação ao tempo, quando isso ocorre os indivíduos regidos por esses afetos acabam projetando todas as suas expectativas em relação a algo bom que possa acontecer. Ficam presos àquilo que não está em seu campo de visão, decorrente das suas projeções, agarrando-se aos possíveis de uma temporalidade futura e inexistente, esses personagens se amparam na relação com o porvir, não percebendo outras formas de ações viáveis no aqui e agora, algo notável no relacionamento de Vicente e Chico Bento no trecho acima. Quando os possíveis não se concretizam os indivíduos têm uma quebra de suas ações, mas os acontecimentos podem ser interpretados como uma nova abertura para sua potência de ação:

Nesse sentido, a perspectiva freudiana tem a virtude de reconhecer afetos em seu ponto de ambivalência. Pois é da recusa de um desamparo que expressa coordenadas sócio-históricas bastante precisas que vem a mola de tal desejo de alienação social. Mas é da afirmação do desamparo que vem, para Freud, a emancipação. Ou seja, ele não é um afeto a ser esquecido e que, do ponto de vista do ser seria uma simples ilusão reativa. O desamparo não é algo contra o qual se luta, mas algo que se afirma. (SAFATLE, 2016, p. 18).

Entende-se que Vicente e Chico Bento, assim como os outros personagens queirozianos, estão dentro de uma conjuntura que visa perpetuar uma organização política, no sentido de manipular as vidas biológicas e subjetividades para se manter um padrão social em que as elites não percam esse controle sobre eles, configurando-se como uma forma de *medo*

instaurada entre os indivíduos: medo de perder a “figura de proteção”, ou seja, o *medo* passa a ser um dos principais agentes de regulação social.

O intuito em submeterem as vidas desses personagens talvez seja para dar continuidade ao poder, usufruindo dos seus benefícios, empreendendo investimento para manter uma minoria com uma vida cheia de regalias, em contrapartida a outra grande parcela da população passando a fazer parte de uma massa de retirantes lutando sozinhos para permanecer vivos, se pensarmos na sociedade representada por Raquel de Queiroz não vemos nenhuma forma de ajuda financeira para os personagens conseguirem conviver com a seca sem precisar passar por momentos degradantes.

Percebe-se que é como se esse poder não existisse, na verdade para essa função ele não se apresenta, surgindo apenas quando aparece lucro ou um risco a sua permanência no poder. Dona Maroca surgiu apenas para dispensar o vaqueiro e seus trabalhos com o gado, pois naquele momento não era mais lucrativo, para ela, a vida dele e dos animais não têm valor.

Pensando no poder mais abrangente, responsável por controlar a vida no sertão queiroziano e na capital Fortaleza, ele também só aparece para maquiagem e esconder os problemas (os retirantes), jogando-os para fora dos centros urbanos passando a viver na margem, para a cidade permanecer “limpa”, “bonita” e “segura”. Por mais difícil que possa parecer, existem encontros entre os personagens permitindo derrubar a hegemonia do poder celetista, e abrindo um horizonte diferente para pessoas como Chico Bento.

Os trabalhadores de Vicente, diferentemente de Chico Bento, tiveram um pouco de amparo na situação de seca, foram reconhecidos pelos serviços feitos em tempos bons, quando a seca passou a ser uma realidade o fazendeiro não se achou no direito de abandoná-los depois de tantos benefícios conquistados com a ajuda dos seus vaqueiros, não se desfazendo deles como objetos sem valor.

A mudança no relacionamento de Chico Bento com a dona da fazenda, por não possuir mais vínculo, permite vivenciar novos afetos, pois quando ocorre uma mudança nas relações do homem com as pessoas e com o seu meio, isso demonstra uma transformação e o surgimento de novos afetos, movendo os indivíduos de forma diferente da que eles estavam acostumados e acomodados durante um tempo. Esse acontecimento tende a causar receio, correspondendo ao desabamento de seu mundo, de suas formas de amparo:

O medo como afeto político, por exemplo, tende a construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranoico, preso à lógica securitária

do que deve se imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social. [...] imagina-se, por outro lado, que a esperança seria o afeto capaz de se contrapor a esse corpo paranoico. No entanto, talvez não exista nada menos certo do que isso. Em primeiro lugar, porque não há poder que se fundamente exclusivamente no medo. Há sempre uma positividade a dar às estruturas de poder sua força de duração. Poder é, sempre e também, uma questão de promessas de êxtase e de superação de limites. Ele não é só culpa e coerção, mas também esperança de gozo. [...] por isso, como sabemos desde Spinoza, *metis* e *sper* se complementam, há uma relação pendular entre os dois: “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança. (SAFATLE, 2016, p. 20).

Dessa forma, o *desamparo* pode ser entendido como uma oportunidade de Chico Bento e dos outros personagens se libertarem e criarem uma forma de poder alternativa. As mudanças na vida de alguns personagens, entendidas em um primeiro instante como ruínas, também podem ser responsáveis pela libertação. O *desamparo* ao ser afirmado projeta o indivíduo a vivenciar novas formas de vida, aquilo que amparava também era o causador do estilo de vida que pedia refúgio, fazendo-os servos de uma figura de amparo, mas que ajudava tendo em vista o benefício próprio, quando os indivíduos mais necessitam, porém não são vistos como algo lucrativo eles são simplesmente descartados.

Os afetos limitadores impedem os personagens de verem outras possibilidades. Por mais paradoxal, torna-se importante a afirmação do *desamparo*, somente assim desprendem-se dos afetos limitadores abrindo espaço para vivências distintas e para alternativas anteriormente difíceis de serem realizadas, reforçando o potencial libertador correspondente a esse afeto, oportunizando o crescimento dos personagens enquanto agentes políticos.

Safatle (2016) ressalta a importância da destituição do poder de uma única pessoa, pois esta forma de poder limita as ações políticas. Libertar-se do amparo contribui para o fortalecimento do indivíduo e sua libertação, passando a conhecer outras facetas dele próprio e da sociedade. Chico Bento, depois do *desamparo*, passou a conhecer um lado de si que antes lhe era desconhecido, adquirindo atitude e tentando encontrar uma saída possível para seus problemas, sendo forte para dar confiança aos seus familiares, como se um novo ser estivesse se formado depois de abandonado, como podemos notar no seguinte excerto:

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral. A junta de bois mansos passou devagarinho. O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida. Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Chorava silenciosamente,

enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas. Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus da porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava a toa, parando as vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança. Chico Bento parou. Alongou os olhos pelo horizonte cinzento. O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho. [...] Depois olhou um garrotinho magro que, bem pertinho mastigava sem ânimo uma vergõntea estorricada. E ao dar as costas, rumo a casa, de cabeça curvada como sob o peso do seu chapéu de couro, sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada, e um pequeno arquejar em seu peito largo, murmurou desoladamente: – Ô sorte meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome! (QUEIROZ, 2016, p. 29-30).

Esse é o momento em que as últimas esperanças de Chico Bento acabam, ele tem a missão de soltar o gado que tanto cuidou, chegou a hora de abandoná-los à própria sorte, uma sorte escassa e sem expectativas positivas. Se observarmos, ele está sendo abandonado de maneira semelhante aos animais, Chico Bento acaba descartado por um poder aparentemente sem representatividade física, em que consiste na junção das diversas estruturas de poder que controlam os indivíduos, é sem representatividade física porque pessoas como ele não sabem a quem se dirigir quando precisam, só havendo representatividade quando é em benefício do Estado, mas age em sua vida de modo a controlá-la, fazendo-lhe trilhar caminhos difíceis.

Um poder manipulando e ao mesmo tempo levando este personagem sentir o seu viver incerto e o sofrimento pelos animais jogados fora da fazenda para virem a morrer, fazendo Chico Bento molhar o rosto não de chuva, mas de lágrimas provenientes do choro angustiante vindo da desvalorização da sua vida. Ele encontra-se inicialmente sob efeito de dois afetos: *esperança* e *medo*. Quando não ocorre o que ele projetou começa a vivenciar o *desamparo*, e com esse afeto percebe como a sua vida estava dominada e vigiada para manter os interesses daqueles que o abandonaram, seus olhos enxergam sua servidão, passando a refletir sobre si mesmo ele se permite conhecer-se e ter minimamente a jurisdição da sua vida e dos caminhos trilhados.

Nesse momento, Chico Bento é diminuído a condição de *homo sacer* – conceito agambeniano para traduzir a vida sacrificável –, pois ele é descartado, desperdiçado e limitado ao complexo orgânico, desprovido de direitos humanos, restando encarar uma nova forma de viver surgida dessa situação inesperada. Por outro lado, é um recomeço, possibilitando-o sair da forma de vida antiga. Chico Bento era acostumado a ser servo.

Em um primeiro momento, o *desamparo* é sentido pelos personagens de maneira negativa, sendo entendido como uma limitação para as suas ações, tendo em vista que se acomodaram em projetar ações para o futuro, mas em um segundo momento o *desamparo*

auxilia a lidar com a contingência, tornando-se algo novo, ajudando os personagens a contornar as dificuldades da maneira mais amena possível. Regidos por esse outro afeto eles se encontram perdidos porque os exigem ter uma nova postura.

Chico Bento vai relacionando outros personagens, o *desamparo* passa a circular em outras pessoas dando continuidade ao circuito, modificando a vida delas também. Afetos estão em movimento entre os indivíduos, quando novos afetos surgem novas pessoas também começam a existir, e se eles circulam entres os indivíduos isso quer dizer que uma nova sociedade pode se formar, construídas sob novas implicações. Por meio de todo abandono acaba surgindo uma mola propulsora tirando-os da inércia para ir buscar o que lhes foi negado pelo Estado. Fazendo-os ir contra o descaso e a falta de políticas públicas, visando projetos sociais para amenizar os danos e a carência do meio ambiente nos períodos de seca. Desse modo, eles arrumam forças para se moverem e sobreviverem.

Os afetos da mesma forma que podem paralisá-los também podem ser motivo para o surgimento de uma atividade responsável pela resistência. Por isso a necessidade de se reafirmar o *desamparo* como afeto biopolítico responsável por transformar os indivíduos. A quebra de linearidade da expectativa de Chico Bento causou o desaparecimento de suas forças e de suas atitudes. Reafirmando a ideia acima citada, esse *desamparo* pode ser visto também por um lado positivo, afinal ele põe abaixo ações responsáveis pela acomodação e submissão, portanto, sendo aparentemente ruim para ele, o *desamparo* o faz refletir e o desaparecimento da figura de amparo abre a possibilidade para outros modos de viver impulsionados por afetos diferentes. É o que se pode notar no trecho a seguir:

Agora ao Chico Bento, como o único recurso, só restava arribar. Sem legume, sem serviço, sem meio de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse. Depois o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha... alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumiava mal, combinou com a mulher o plano de partida. (QUEIROZ, 2016, p. 36)

Percebe-se uma tomada de decisão e de posicionamento que não era muito característico no vaqueiro, sempre acostumado a receber ordens, ele agora começa a mostrar uma força em meio às dificuldades, no princípio não sabe como agir, mas em contrapartida não está mais esperando outra pessoa para trazer uma solução, começando a pensar ativamente sobre o seu futuro e o da sua família, buscando um mundo diferente daquele em que seus olhos se acostumaram a ver. Chico Bento vê a Fazenda das Aroeiras como um lugar que não o pertencesse mais, passando a almejar uma vida distinta das vividas nas terras áridas

do sertão de Quixadá. Chico Bento abre-se às possibilidades que antes soavam impossíveis de serem pensadas e realizadas, como por exemplo, mudar-se para o Amazonas.

O evento do vaqueiro foi exatamente uma quebra no modo de vida que possibilitou o surgimento da mudança. Abrindo caminho para transformações, por mais paradoxal que pareça. Afinal, apenas as pessoas desamparadas são capazes de agir, pois o sujeito desamparado não está acreditando em outro sujeito como forma de abrigo e segurança. Quando Chico Bento não teve mais esse amparo ele se abriu a outros possíveis, se desligando do seu lugar para trilhar e desbravar uma vida desconhecida e inesperada, afinal:

Estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me desposui dos predicados que me identificam. Por isso, afeto que me confronta com uma impotência que é, na verdade, forma de expressão do desabamento de potências que produzem sempre os mesmos atos, sempre os mesmos agentes. (SAFATLE, 2016, p. 21).

A concepção do amparo vivida e entendida pela maioria dos sertanejos do sertão queiroziano institui o poder a um único indivíduo, quando na realidade a representatividade de amparo e cuidado precisar recair sobre um grande número de pessoas, isso é entendido como antipolítico, pois quando a pessoa deixa de pedir amparo ela deixa de atribuir poder a um outro sobre si. Começando a se posicionar e agir sem o auxílio de outras figuras de proteção, tendo a oportunidade de agir politicamente pelos seus próprios desígnios, como Chico Bento passou a fazer, contribuindo para a construção de novas relações. Os acontecimentos têm esse poder de fazer os personagens sofrerem afecções em virtude de outros afetos e por meio deles modificá-los.

CAPÍTULO 2 – ESPERANÇA E DESAMPARO COMO AFETOS BIOPOLÍTICOS MOTIVADORES DOS PERSONAGENS CHICO BENTO E VICENTE

*Ganho a vida na enxada.
O que eu colho é dividido
Com quem não planta nada.
Se assim continuar
vou deixar o meu sertão,
mesmo os olhos cheios d'água
e com dor no coração.*

(*Sina do Caboclo – João do Vale*)

2.1 CAMINHANDO COM OS PERSONAGENS E DESCOBRINDO O SERTÃO QUEIROZIANO

Buscou-se compreender qual a relação dos dois afetos – *esperança* e *desamparo* – no modo de viver de alguns personagens, especialmente em Chico Bento e Vicente. Trata-se de analisar como cada um é afetado por esses dois tipos de afetos para assim entendermos como modificam as suas vidas, suas decisões e seus modos de agir. Acredita-se que todos esses pontos irão estar estritamente ligados aos afetos desses personagens. Sendo necessário analisar o modo pelo qual se permite potencializar as ações desses e de outros personagens na narrativa, enxergando o motivo para eles agirem de determinada forma, procurando vestígios para compreender o que os move.

Nesse livro, pode-se conhecer os aspectos sociopolíticos e culturais compondo as cenas as quais os personagens ajudaram a dar vida e movimento, no entrelaçamento das partes do romance conhecemos o modo como a biopolítica organiza as vidas d’*O Quinze* (2016). As consequências dessa forma de poder no espaço usado como cenário e nos próprios indivíduos que habitam a trama, percebe-se a concretização dessa organização social e política chamada biopoder. Na biopolítica os personagens vivenciam situações difíceis de extrema necessidade e ausência de dignidade, como podemos notar na seguinte passagem:

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com sua família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos. O homem não atendia. – Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar já estão cedidas. Por que não vai por terra? – Mas meu senhor, veja que ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte! O homem sacudiu os ombros: – Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem pra nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser... [...] Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva: – Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... não ajuda nem a morrer! – Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais... (QUEIROZ, 2016, p. 39).

Na tentativa de sobreviver, Chico Bento busca assegurar qualquer tipo de ajuda possível para que sua família não sofra tanto. Mesmo se o vaqueiro tivesse conseguido as passagens de ida para Fortaleza, a própria condição da viagem já diz muito sobre como esses retirantes que começam a ser assim classificados quando a seca toma conta da situação. Os

retirantes quando tinham oportunidade viajavam nos trens de carga, mas na maioria das vezes, como o próprio nome já diz, eles vão a pé, das duas maneiras vemos a diminuição da figura humana nesses períodos de estio, os mais humildes, como Chico Bento, não têm a quem recorrer, sendo tratado como uma pessoa que não tem direito a vida, mas só a degradação, para definhir até a morte.

Em situações como essas em que o mais provável a acontecer seria o homem distribuir as passagens e fazer sua função de maneira ética, ajudando as pessoas que vêm nelas a única forma possível de sair da situação degradante, afinal, estas são disponibilizadas pelo governo como método paliativo. Mas, ao invés de dar as passagens a quem precisa e tem direito o homem as vende para agenciadores de jovens, tendo em vista irem trabalhar no Acre. O único direito de trabalhadores como Chico Bento foi negado, essa realidade fictícia queiroziana está representando acontecimentos comuns e corriqueiros aos períodos de seca, esses fatos podem, muitas vezes, surgir para os leitores como algo inadmissível, mas era a realidade dessas pessoas, tão bem representadas pelos personagens.

Fica claro, que o trabalhador na venda das passagens não estava vendo nem se importando com Chico Bento, que buscava um pouco de dignidade e de alívio para o seu sofrer, como se uma barreira entre esses dois mundos (Chico Bento e o homem) bloqueasse todas aquelas desgraças vividas pelos sertanejos, tornando o sofrimento do outro normal, ou simplesmente porque esse ato do vendedor das passagens também seja uma tentativa infeliz de sobrevivência em meio à miséria e falta de recursos no sertão. Na seca, para sobreviver, as pessoas se submetem a fins que trazem um dilema ético, pois a situação pode justificar ou não a ação do vendedor.

Essas cenas e os seus desdobramentos estão sendo regidos por uma estrutura governamental de poder, agindo nos bastidores desse nordeste queiroziano, estabelecendo essa vida marcada pela privação e pelo esquecimento dos governantes, são pessoas desassistidas, suas vidas não têm muito valor, tornando-se seres com todos os seus problemas invisibilizados. O poder incute nas subjetividades que as necessidades enfrentadas são necessárias, não havendo nenhuma solução para amenizá-las, nem mesmo qualquer tipo de ajuda, é como se não fosse preciso, pois estas são entendidas como regalias desnecessárias a uma parte da população considerada improdutiva, representando apenas um empecilho para o restante da sociedade.

Desse modo, os personagens, assim como as outras partes pertencentes a um romance, são considerados essenciais para conhecer como o enredo irá se desenvolver, ao entrar em contato com Chico Bento, Vicente e os outros que estabelecem relações, o leitor já começa a

formular uma ideia acerca do tema tratado pela autora, dos conflitos e dos problemas específicos dessa narrativa.

As partes que constroem um romance estabelecem uma ligação muito íntima entre si, com isso, quando se fala em personagens simultaneamente já conseguimos estabelecer uma relação com os outros componentes formativos do enredo. Por meio do reconhecimento dos personagens, tem-se uma noção do espaço sociopolítico usado como cenário, assim como, o ambiente, o tempo ao qual estão ligados, e como o cenário sociopolítico conduzirá suas vivências. Nesse sentido:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão de uma série de fatos, organizados em um enredo, e de personagens que vivem esses fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (CANDIDO, 2007, p. 53-54).

Quando se pensa no enredo logo tende-se a pensar nos personagens vivenciando os fatos presentes em seu interior, isto é, o enredo só ganha vida a partir da existência dos personagens executando e vivendo as várias situações narradas. Por meio dos personagens a história ganha corpo. Em um primeiro contato com *O Quinze* (2016) o enredo é apresentado por meio dos problemas enfrentados pelos personagens, passando a conhecer a sua vida, por meio dos seus questionamentos em meio às experiências.

Com o reconhecimento dos personagens, já se pode fazer uma ideia do espaço da história, assim como, o ambiente que estava impondo determinados posicionamentos em relação às adversidades. Logo no início da leitura do livro, é apresentado a categoria personagem, a partir dela começou a ser desenhado todas as outras categorias compondo a narrativa, demonstrando a sua importância e o quanto ela pode dizer sobre o desenrolar da história.

Pensar a situação vivida por Chico Bento é também pensar os caminhos pelos quais o enredo irá o conduzir, o modo como sua vida é tratada não permite lançarmos outras compreensões para o percurso dos personagens. Acompanhando a maneira como a condição humana das pessoas mais pobres é configurada desde o começo da narrativa passamos a ter uma ideia do que podemos esperar das relações entre alguns personagens. Mas existem

momentos, como o citado anteriormente em que de Chico Bento tentar conseguir passagens e não conseguir, que nos surpreendem, pois para as pessoas que estão no poder, disponibilizar passagens para essas pessoas seria uma espécie de luxo que as famílias dos sertanejos não merecem.

Os direitos dos menos favorecidos (como o vaqueiro) se restringem às sobras, enquanto as pessoas ricas usufruem de excessos que foram retirados dos mais carentes. Restando as sobras, o que restou do que foi usurpado pela elite social. Resumido, há poucos recursos para grande parte da sociedade, no caso do personagem em questão e dos outros que precisavam. São poucas as passagens, insuficientes para a quantidade de pessoas necessitadas em sair das zonas críticas, isso resultou em um número muito grande de mortes, pessoas perdendo a vida nos caminhos secos do sertão, tendo suas vidas encerradas antes do destino almejado por elas.

Quando se pensa no *estado de exceção*, pode-se ter a falsa ideia de que é um momento em que alguém chega e esclarece que se passou a viver em *estado de exceção*, e essa determinação corresponde à concretização dessa realidade, mas se observarmos os problemas enfrentados pelo vaqueiro na tentativa de sair em busca de vida, mas encontrando apenas negação das possibilidades, percebe-se claramente a abertura para uma situação de uma vida em *estado de exceção*, porque, no momento atual da vida de Chico Bento, essa realidade lhe é apresentada de forma sutil, em cada não que recebe e em cada tentativa negada de ter um pouco de dignidade. O *estado de exceção* vai tornando-se mais real em sua vida, quando percebemos, ele já teve os seus direitos humanos suspensos, passando a viver por si, é quando a sua existência é igualada a de um animal sem importância, ou seja, o humano reduzido a uma coisa sem valor.

O direito de viver lhes é retirado, como uma peça de uma engrenagem que quebrou e precisa ser jogada fora podendo ter facilmente outra em seu lugar para dar seguimento ao curso e à ordem social. O lado humano desses personagens que são “jogados fora” é esquecido. Restando Chico Bento aceitar a triste realidade de se retirar, vagar com sua família. Ele acaba vivenciando um impasse, pois manter-se no lugar em que estavam não teriam recursos para sobreviver, e andando sob o sol escaldante por longas distâncias seria um risco para toda a sua família também, de todas as formas e por todos os lados a vida desse sertanejo aparenta não possuir uma boa saída.

Quando se fala em Chico Bento logo liga-se a ele as condições de vidas retratadas no romance a qual está imerso, os problemas vividos e enfrentados em relação ao ambiente, e as apreensões e incertezas em decorrência de como a política opera, da força em sua vida e nos

personagens que vivem em seu meio. Entende-se assim, a importância dos personagens para o desenvolvimento do enredo d'*O Quinze* (2016), mas vale ressaltar, eles não são a parte mais importante do enredo, porém são indispensáveis para o seu desenvolvimento e a sua concretização. Como isso:

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos do enredo e de ideias aos grandes criadores de personagens. Isto nos leva ao erro, frequentemente repetido em crítica, em pensar que o essencial do romance é a personagem, – como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida. Feita esta ressalva, todavia, pode se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna, como se configurou nos séculos XVIII, XIX e começo do XX; mas que só adquire pleno significado no contexto, e que, portanto, no fim de contas a construção estrutural é o maior responsável pela força e eficácia de um romance. (CANDIDO, 2007, p.54-55)

Não se pode cair no pensamento errôneo de que em um romance os personagens possam ter vida própria, sendo assim dissociada dos outros elementos, isto é, sem precisar do auxílio das outras partes, pelo contrário, todos os outros elementos têm uma contribuição significativa para a formulação da interpretação e do entendimento de como o romance está estruturado.

O que nota-se é o forte poder de situar e de ajudar o leitor a entender sobre os acontecimentos do enredo, pois como podemos notar, por meio de Chico Bento, assim como outros personagens, o horizonte da história nos é apresentado, através de suas (con)vivências, estabelecendo uma comunidade partilhada. Eles proporcionam a concretização de atitudes exercidas pelas relações de poder na sociedade habitada, possibilitando a verossimilhança da história nos acontecimentos desenvolvidos para o leitor.

Quando Chico Bento precisa do governo muitas dificuldades e empecilhos surgem, separando-os, tornando cada vez mais longa a distância entre eles, Chico e o governo. Torna-se perda de tempo qualquer tipo de aproximação para se obter ajuda, não sendo muito diferente a criação ficcional queiroziana da realidade. Percebe-se uma linha interligando esses dois mundos, o mundo vivido pelos personagens e a realidade. Não são muito distintas, as formas de vida vivida no sertão queiroziano do Ceará no período histórico mencionado e que a narrativa representou.

Por outro lado, Rachel de Queiroz teve a possibilidade de ressignificar a existência humana, por mais dura e impossível de acreditar, assim sendo, personagens podem apresentar

uma síntese dos fatos reais da humanidade em uma região e um período histórico, sobretudo a tradução dos sentimentos, não se restringindo ao uso de entendimento dos fatos reais, mas representando e permitindo um conhecimento muito mais profundo sobre o drama humano e o absurdo da existência. Residindo aí a comunicação atemporal d'*O Quinze* (2016), ele faz viver as múltiplas formas de subjetividade e de relacionamento permitidas por um texto literário.

2.2 O JUAZEIRO É UM SÓ: A ALTERIDADE ENTRE OS PERSONAGENS EM MEIO AO CAOS

Por meio da análise, constatou-se que existem formas de dominação a qual Chico Bento e sua família se encontram submetidos, possibilitando o surgimento de determinadas maneiras de viver, se relacionando de forma muito íntima com alguns afetos oriundos da biopolítica que os leva a serem guiados. Conforme as vidas vão ganhando novos caminhos, afetos diferentes começam a circular, provocando outra visão da vida que eles estavam acostumados. Ele passa a vivenciar o *desamparo* e as especificidades inerentes a esse afeto em sua vida. No trecho encontramos a seguinte situação:

O pequeno ia no meio da carga, amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha. De vez em quando, levava as mãozinhas aos olhos, e fazia, rah! rah! ah! ah! numa enrouquecida tentativa de choro. Cordulina chegava-se à burra para o consolar, ajeitava-lhe o chapéu de pano na cabeça, até que um dos menores gritava: - olha, mãe! Os pés da zebelinha! Olha o coice! Chico Bento fechava a marcha, com o cacete ao ombro, do qual pendia uma trouxa. [...] Súbito, sua vizinha estridulou num grito comovido: – Olha a Rendeira! E apontava para uma vaca pintada de preto e branco, que, magra e quieta à beira da estrada parecia esperar a família fugitiva para uma derradeira despedida. Cordulina recomeçou a chorar; o próprio Chico Bento passou rapidamente a manga pelo rosto. A Rendeira fitou em todos os seus grandes olhos dolorosos, donde escorria uma lista clara sobre o focinho escuro, como um caminho de lágrimas. (QUEIROZ, 2016, p. 45-46).

Diante desse contexto, retoma-se a ideia do *desamparo*, mas não apenas como uma repetição de argumento, mas porque agora partiremos principalmente desse afeto para entender as formas de resistência dos personagens em relação aos problemas que estão enfrentando. Na situação acima notamos que eles precisaram ter força para enfrentar o destino incerto da longa travessia pelo sertão, mas ao mesmo tempo fica nítida a fragilidade dos personagens em virtude das mudanças e consequências de suas partidas, qualquer coisa que os fazem lembrar da antiga vida os emocionam. É interessante o encontro dos retirantes com

pessoas pertencentes à terra de origem, estas não trazem nenhuma emoção e nenhum tipo de afeto com a vida que eles viveram, mas no momento que se encontram com a fauna ou a flora, eles começam a sofrer pela saudade e tristeza por deixar a sua terra. Mesmo a seca sendo algo natural e que, por meio dos seus efeitos eles estejam sofrendo tanto, eles não guardam ressentimento dela, pelo contrário, eles nutrem uma relação de cumplicidade, o que não é o mesmo em relação a outras pessoas.

Assim sendo, o *desamparo* de Chico Bento se concretizou no momento de deixar a fazenda que ele morava e trabalhava, diversas vezes ele pensou em uma forma de prolongar a sua estadia ali, mas isso não dependia mais só da sua vontade e determinação, não tinha mais recursos para continuar cuidando do gado e da sua família, tudo acabou, restando apenas entender que ele não podia mais esperar por ninguém. Sair daquele lugar foi o que restou para ele e sua família.

Chico Bento tem o poder de decidir se solta ou não o gado, mas dona Maroca também tem o poder de controlar a vida do seu vaqueiro dizendo até quando ele tem utilidade para a fazenda, quando esse não pode mais ser aproveitado passa a ser abandonado da mesma forma das reses que ele cuidou. Entende-se a vida desse vaqueiro como semelhante a das reses, nessa passagem descrita acima identifica-se uma animalização do ser humano e uma humanização dos animais, a vaca veio se despedir do vaqueiro.

O encontro dos dois desamparados desta cena, Chico Bento e a vaca, demonstra que durante o trajeto ele se vê refletido na vaca, isto é, os dois estão compartilhando dos mesmos efeitos do *desamparo*, encontram-se quase no mesmo estado. Ele tem que viver dormindo ao relento, acostumando-se a comer pouquíssimas quantidades de comida e também passando sede na maioria das vezes, todas as privações vividas pelos animais nessa época também são vivenciadas pelo vaqueiro e sua família.

Encontra-se nesse excerto os papéis se equiparando, os humanos são animalizados, Rendeira passa a ter sentimentos que se aproximam aos dos seres humanos, na descrição ela está chorando, uma listra de lágrima corre dos seus olhos molhando seu focinho no mesmo momento em que vê a família de retirantes pela última vez. No *estado de exceção* que Chico Bento estava começando a adentrar neste momento, o personagem passa a ser desumanizado, não tendo mais direitos, vivendo sem dignidade, com sua vida sendo diminuída e desmerecida.

A coisificação de Chico Bento e seus familiares pode ser entendida como uma forma de pessoas como ele serem eliminadas das relações sociais, restando apenas as pessoas mais “civilizadas”. Sertanejos como Chico Bento são testados de todas as formas até que desistam

de tentar buscar a dignidade, na verdade são muitas vezes vencidos pelo cansaço, quando se entregam deixam suas vidas serem conduzidas e com isso acabam perdendo o restante de domínio sobre sua vida. Há determinadas circunstâncias que leva o vaqueiro romper a repressão vivida dentro do *estado de exceção*, a partir disso, pelos efeitos dos afetos potencializadores ele começa a viver sua transformação, não se entregando, mesmo as dificuldades sendo imensas, pois:

Nos dois limites extremos do ordenamento, soberano e *homo sacer*, apresentam duas figuras simétricas, que tem a mesma estrutura e são correlatas no sentido de que, soberano é aquele em relação ao qual todos os homens são potencialmente *homines sacri* e *homo sacer* é aquele em relação ao qual todos os homens agem como soberanos. (AGAMBEN, 2007, p. 92).

Da mesma forma que ele colocou o gado da fazenda que trabalhava para fora do curral, desabrigando-os e deixando-os sobreviver pela própria sorte, sem ter mais os seus cuidados para amenizar os efeitos da seca, ele também tem sua vida submetida ao abandono. O poder soberano está agindo em sua vida, contribuindo para submetê-la, Chico Bento não é dono de seus próprios desígnios, ele não controlava seus passos, outros controlavam seus caminhos, conduzindo-o ao lugar que o poder soberano decidiu para vidas como a dele, esse poder que controla a vida desse personagem é constituído pela junção de micropoderes, seu controle sobre os indivíduos se dá de maneira muito sutil.

Eis o exemplo do *homo sacer*, tendo em vista que ele tem sua vida desperdiçada¹, podendo muito bem ser desfeita (acabada) sem se cometerem atos fora da lei. Pessoas esquecidas pelas instituições estatais, muitas vezes com o intuito de que elas deixem de existir ou passem a viver por si só, o Estado apenas deixa de assisti-las com direitos humanos e todos os recursos que tinham o direito não lhes chamam. Com isso a existência passa a ser muito pesada ocasionando a morte do *homo sacer*.

Chico Bento, Vicente e demais personagens que também estavam na mesma situação de *desamparo*, eram consideradas enquanto *vida nua*, uma vida esquecida, deixada para morrer, correspondendo ao conceito biopoder, de Foucault, o de deixar morrer para promover a vida, mas para isso acontecer a *biopolítica* decide qual a vida merece ser vivida e qual não merece. Agamben (2007, p. 107), afirma: [...] “no *homo sacer*, enfim, nos encontramos diante

¹ Esse termo faz referência ao livro *Vidas desperdiçadas* publicado em 2004, por Zygmunt Bauman. Nele o filósofo polonês discorre sobre os problemas que rondam a cidade moderna dentro do sistema capitalista, para o filósofo o progresso e a felicidade são *slogans* insustentáveis nesse modo de vida, uma vez que segrega e destrói os excluídos sociais. Consumir e produzir guia a divisão entre vidas úteis e inúteis.

de uma vida nua, residual e irreduzível, que deve ser excluída e exposta à morte como tal, sem que nenhum rito ou sacrifício possam resgatá-la”.

Nessa perspectiva, pensa-se o circuito dos afetos operando em meio a todo esse ambiente sociopolítico do sertão queiroziano, isto é, por mais que aparente não ter saída, tudo pode ser revertido através de novos afetos. Essa forma do poder submetem os indivíduos a situações extremas, causam embaraço nas suas ideias e ações. Essa escolha que coloca a vida do vaqueiro em jogo também contribui para ele se encontrar, embora pelas circunstâncias inesperadas ele passe a ter uma forma de vida semelhante à de um animal.

Quando está em retirada com a sua família Chico Bento passa a fazer parte de um mundo sem normas jurídicas estabelecidas, não existindo nem um tipo de base para poder se amparar, passa a caminhar sozinho tornando-se invisível a todos. Se não fosse a descrição que Rachel faz para tornar viva a sua trajetória, sua existência não seria notada por quase ninguém, não por ser insignificante, mas por fazer parte de uma multidão desprezada, por isso todos os fatos vividos pelos Chicos Bentos reais estão no anonimato. Da mesma forma a vaca Rendeira, que nessa parte da narrativa ganha vestígios e características humanas, traz a ideia de que o vaqueiro só pode ser visível aos olhos dos animais, como se existisse uma cumplicidade entre eles, pois a maioria dos humanos que o cercava não paravam para observá-lo ou ajudá-lo, a não ser os também desprezados como ele. Poderes são responsáveis por vidas como a do vaqueiro e sua família, tendo em vista que:

[...] O soberano cria e garante a situação como um todo na sua integridade. Ele tem o monopólio da decisão última. Nisto reside a essência da soberania estatal, que, portanto, não deve ser propriamente definida como monopólio da sanção ou do poder, mas como monopólio da decisão, onde o termo decisão é usado em um sentido geral que deve ser ainda desenvolvido. O caso de exceção torna evidente do modo mais claro a essência da autoridade estatal. Aqui a decisão se distingue da norma jurídica e (para formular um paradoxo) a autoridade demonstra que não necessita do direito para criar o direito [...]. (AGAMBEN, 2007, p. 24).

Chico Bento tem as suas necessidades de sobrevivência supridas, mesmo que de maneira restritas. Quando ele já não tem mais serventia para a dona da fazenda, pessoa que ele depositava confiança e estima, ele acaba não sabendo mais como agir, uma angústia começa a tomar conta dos seus dias logo após receber a notícia de não haver mais trabalho nesse lugar tido por ele como um abrigo para se proteger de todas as formas de precisão e sofrimento em decorrência da gravidade da seca.

Pessoas como dona Maroca das Aroeiras têm o poder soberano de decidir sobre a vida de pessoas como Chico Bento. Maroca institui e controla como Chico Bento deve se posicionar perante os fatos surgidos em seu cotidiano. Quando ele se torna um indivíduo desamparado, social e afetivamente, passa a viver em um espaço sem leis e normas que assegurem seus direitos humanos.

Não somente dona Maroca como também o próprio Estado tornam-se responsáveis pela maneira como ele se comporta em relação aos obstáculos em sua vida. O Estado se encontra como uma forma mais abrangente do poder soberano de atuar sobre a vida das pessoas, já a fazendeira, para quem Chico Bento trabalhava, tem o seu poder restringido a um espaço mais delimitado, ficando restritos às divisas da sua propriedade.

Dessa forma, nota-se que além de ser controlado por uma força de poder próxima de seu convívio, ele também passa a ser conduzido por um poder mais geral, responsável pelo modo como os indivíduos estão organizados para que a sociedade possa ter um desenvolvimento mais significativo, para isso algumas formas de vidas são submetidas ao abandono e ao esquecimento, são entendidas como um gasto desnecessário, por isso a dificuldade em promover a vida desses indivíduos que se encontram em situações desfavorecidas, o envio de verbas para serem revertidas em melhores condições de vida não acontece, afinal:

A exceção é uma espécie da exclusão. Ela é um caso singular que é excluído da norma geral. Mas o que caracteriza propriamente a exceção é que aquilo que é excluído não está, por causa disso, absolutamente fora de relação com a norma; ao contrário esta se mantém em relação com aquela na forma da suspensão. A norma se aplica a exceção desaplicando-se, retirando-se desta. (AGAMBEN, 2007, p. 25).

A exceção é uma forma da exclusão, não se pode negar que todos os acontecimentos vivenciados por Chico Bento são caracterizados como exclusões. O vaqueiro passa de maneira progressiva a ter seus direitos humanos negados, sua vida está caminhando para um destino de privações, começando por perder o direito de permanecer na fazenda que morava e trabalhava, logo em seguida, a única possibilidade de chegar ao seu destino (Fortaleza) de forma digna também foi negado, ele é direcionado a uma vida cujos direitos dos seres humanos ficam suspensos, imperando o descaso, não somente com a vida dele, mas com as das outras famílias de sertanejos que também passam a viver de maneira indigna.

É uma questão paradoxal em que a exceção passa a ser uma ordem, isto é, na exceção não existe norma, a exceção torna-se norma, por isso várias pessoas são desassistidas, dessa

maneira, Chico Bento está vivendo em um espaço sem leis, quando ele é desamparado por dona Maroca, já fazia muito tempo que estava desamparado pelo Estado, começando a vivenciar esse afeto quando foi procurar as passagens que eram um direito seu e percebeu que nada é reservado para pessoas como ele, recebendo como resposta o doloroso não, é um conjunto de negações, se concretizando em suas mãos vazias ao voltar para casa e no desmerecimento da sua vida.

Porém, em meio à privação um novo mundo começa a se abrir para os personagens. Na perspectiva da biopolítica de Agamben, os soberanos enxergam as vidas dos pobres enquanto inúteis, precisamente quando começam a ser entendidas como riscos para a comunidade maior. Por isso passam a viver o *estado de exceção*, encarado também como a eliminação da potência de existir:

O juazeiro era um só. O vaqueiro também se achou no direito de tomar seu quinhão de abrigo e de frescura. E depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos. A rês estava quase esfolada. A cabeça inchada não tinha chifres. Só dois ocos podres, malcheirosos, donde escorria uma água purulenta. [...] – De que morreu essa novilha, se não é da minha conta? [...] – De mal-dos-chifres. [...] Chico Bento cuspiu longe, enojado: E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar... O outro explicou calmamente: – Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca... Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade: – Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão! [...] E o bode sumiu-se todo... Cordulina assustou-se: – Chico, que é que se come amanhã? A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou: – Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não havera de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (QUEIROZ, 2016, p. 49-50).

As relações estabelecidas na pobreza permitem uma mudança que nem o próprio Estado se permitiria fazer. As pessoas mais necessitadas são as que mais sentem coragem para ajudar seus companheiros na dificuldade. Chico Bento poderia ter fingido não ver a situação dos retirantes que estavam prestes a comer a carne de vaca podre, já que se fizesse isso estenderia um pouco mais os mantimentos para a longa caminhada, todavia, isso não passou pela sua cabeça, ele só conseguiu pensar nos homens, quase bichos, disputando a comida com os urubus. Ao pensar nessa possibilidade ele não hesita e reparte o pouco que tem com os demais retirantes famintos.

Na fraternidade entre eles pode-se perceber que por maiores as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos em decorrência do descaso da elite do poder em suas vidas,

sempre vão existir determinados afetos permitindo a quebra dessas forças. Nota-se a potência de ação de Chico Bento em empreender esforços para mudar uma situação crítica que estava prestes a acontecer, nessas horas percebe-se a empatia ganhando espaço e fazendo nascer a fraternidade onde impera miséria. Se o personagem fosse obedecer a razão certamente não teria repartido sua comida com os outros, mas nesse momento os bons afetos foram mais fortes, fazendo-o ter coragem e determinação para ajudar seus companheiros de caminhada.

Mesmo sem saber o que sua família ira comer no dia seguinte, Chico Bento divide o alimento com os outros, para ele ainda há *esperança* em encontrar comida no dia seguinte. Para Chico Bento, o peso maior seria deixar seus semelhantes comerem carne estragada. Essa ação demonstra a integridade desse personagem, possuindo princípios que mesmo no *desamparo* e desespero se mantêm e isso é raro, eis a maior força e coragem: ajudar o outro no limite da sobrevivência, e com isso, dar impulso para que algo novo aconteça, tendo o poder de transformar a ordem do sistema, de originar outras realidades a partir do exercício da sua humanidade e sensibilidade.

Para Chico Bento é uma realidade muito cruel a que seus olhos estavam vendo, ver aquelas pessoas quase se igualando aos bichos, assim ele mudou o curso do acontecimento e ficou de consciência tranquila, afinal ele devolveu um pouco de dignidade àquelas pessoas cujos direitos foram quase apagados.

2.3 DEPOIS O MUNDO É GRANDE: O DESAMPARO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA

Quando Chico Bento e sua família passaram a se abrir a contingência, a algo impossível de prever, essa imprecisão das coisas futuras causou *medo* e insegurança, eles se desprenderam do meio. Eles começaram uma vida marcada pela presença de acontecimentos inesperados, dos quais muitas vezes não sabem como agir. Eles vivem situações de extrema desigualdade. A partir disto passam a ser:

Sujeitos confrontados com uma modalidade antipredicativa de reconhecimento e levado a se afetarem pela indiferença que circula no interior de zonas de indiscernibilidade são sujeitos continuamente despossuídos de suas determinações, e, por isso, desamparados, abertos a um modo de afecção que não é simplesmente a expressão da presença do outro no interior do sistema conscientes de interesses e vontades que determinariam a minha pessoa. (SAFATLE, 2016, p. 25).

Ao adentrar o *estado de exceção* Chico Bento e a família começam a enfrentar os dissabores de uma vida renegada ao esquecimento, os sofrimentos em decorrência dele e sua família terem se transformado em *vida nua*, vida desprovida de direitos. Chico Bento e sua família ao sair em busca de salvar as suas vidas vive novos fatos, isso não significa dizer que eles não irão mais sofrer, nota-se na verdade a intensificação do seu sofrer em busca de se libertar dos efeitos advindos do amparo. Por outro lado, fica cada vez mais aparente a força empreendida por eles para continuarem vivos, mesmo as dificuldades aumentando a cada dia, às vezes, em determinadas situações, temos a impressão de que eles não irão resistir as perdas sofridas e desistirão de lutar, entregando-se abraçando um destino mais fácil e também mais provável para pessoas como eles.

As condições provocam o nascimento de um afeto ambivalente, o *desamparo*, possibilitando uma transformação em meio ao ambiente de destruição em que se encontrava, o *estado de exceção*. A partir desse momento eles começam a se desprender das amarras responsáveis pela permanência deles continuarem vivendo presos aos mesmos circuitos de afetos, assim, percebe-se uma leve mudança nas vidas marcadas pela repressão do biopoder.

No *desamparo* surgem possibilidades para o aparecimento da construção de outros caminhos, ele pode se converter em força impulsionadora de renovação, por isso sua ambivalência, pois da mesma forma que ele paralisa ele também pode ser interpretado como uma forma de recomeçar, movendo os personagens por outros afetos, mesmo essa mudança ocorrendo com muita dificuldade é notório o poder de resistência dessas pessoas esquecidas.

Ao observar as ações dos personagens em meio às dificuldades decorrentes do longo estio, percebeu-se um modo peculiar de agir frente à difícil situação. Muitas pessoas nas mesmas situações que a de Chico Bento acabam se entregando e desistindo de lutar, suas forças são progressivamente minadas até desistirem de continuar e melhorar a situação. O horizonte de suas expectativas está fechado a outras perspectivas, tudo ajudando para serem controlados e deixados no *estado de exceção* para se transformarem em uma *vida nua*, sem um futuro digno, sempre vivendo na servidão.

Muitos dos companheiros de retirada de Chico Bento entregaram-se para as dificuldades e acabaram ficando no meio do caminho, mas Chico Bento age de forma diferente, ele não se deixa abater pela dificuldade que atravessa. O modo como a família de retirantes está vivendo diz muito sobre os efeitos dos afetos que por muito tempo serviram de baliza, na seguinte passagem nota-se como está a vida deles:

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas. – Mãezinha, cadê a janta? – Cala a boca, menino! Já vem! – vem lá o quê!... Angustiado Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... Lembrou-se da rede nova, grande e de listras que comprara em Quixadá, por conta do vale de Vicente. [...] O vaqueiro saiu com a rede resoluto: – Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito... Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha: – Tá aqui. O homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido... [...] Contudo, que representava aquilo para tanta gente? (QUEIROZ, 2016, p. 56-57)

A vida do retirante apresentada acima começa a ganhar contornos difíceis de serem suportados por um pai, ao ver sua família em privações, degradando cada vez mais os seus corpos, tornam-se realidade todos os seus temores, Chico Bento passa a tomar decisões drásticas para tentar acalantar e remediar os efeitos de várias horas andando debaixo do sol sem ter uma sombra para uma parada de alívio, começando a perceber os riscos que todos estão correndo, pois, a seca começa mostrar a sua violência.

Sua retirada começou com um pouco de dignidade, eles estavam com disposição para a longa caminhada, tinham também uma reserva de alimento para quando a fome chegasse. No começo tinham forças para lutar em buscar seus destinos, mas a realidade que a cada dia foi se apresentando é bastante dura, a cada momento eles foram perdendo as forças e reservas de alimento, até chegar o momento de não ter mais energia nem alimento para restituí-las. Nessa hora, Chico Bento se desfaz da sua rede, a última coisa que ainda dava um pouco de conforto nas noites de cansaço, e foi insuficiente o que ele conseguiu com ela, o bastante para enganar a fome por poucas horas, no final todos dormiram com fome.

A fome passa a ser companheira inseparável da família de retirantes, por causa dela eles começam a sofrer aflições da falta do básico para sobreviver. Se quiserem continuar vivos eles têm que comer o pouco que restou na natureza, disputando com os animais famintos alguma raiz seca esquecida no solo calcinado pelo sol, ou mesmo tendo que se humilhar a outra pessoa para conseguir um pouco de alimento. Torna-se raro as pessoas, que têm um pouco de recurso, ajudarem a matar a fome dos retirantes, e também porque eles são muitos, tornando quase impossível remediar o problema geral.

É difícil viver nessas condições, a primeira fome traz uma realidade dolorida para a família de Chico Bento e ele procura de todas as formas um jeito para amenizá-la, mas acaba encontrando poucas coisas para suprirem as necessidades, sendo insuficientes para a quantidade de pessoas. Chico Bento desde o momento da sua saída da fazenda passa a colher os efeitos dos afetos tidos como paralisadores da potência de suas ações, isto é, da *esperança*

como bloqueadora da potência de existir e agir, pois ela acomoda os seres em um estilo de vida inerte. Por pensar ser incapaz de ter força para mudar e tendo *medo* de perder o amparo entendido por eles como algo bom.

Safatle (2016) apresenta que indivíduos atuantes politicamente não instituem o poder nas mãos de outra pessoa, isso se caracteriza como uma atitude antipolítica. Dessa maneira, entende-se que Chico Bento não estava atuando politicamente no sentido de ter o poder em sua mão de conduzir a sua vida, mas quando ele vivencia o *desamparo* situações inesperadas passam a acontecer.

Nesse lugar ao qual eles se encontram o *desamparo* serve de mola para impulsionar um sujeito a atuar politicamente. Chico Bento está atravessando situações difíceis, mas isso é revertido pela força de novos afetos em persistir em busca por dias melhores para ele e sua família.

Não se pode negar que os efeitos do descaso enfrentado pelo retirante e seus familiares na seca são cruéis, de maneira progressiva eles vão sendo desumanizados, a família do vaqueiro passa a dormir deitados no chão, com fome, pessoas que vivem como essas não sabem o que significa viver com dignidade, pois, a elas só lhes foi apresentada a negação, tendo suas vidas testadas aos diversos tipos de situações extremas de necessidades, até chegar a momentos de não ter mais como lutar contra os obstáculos em decorrência das desigualdades, e a morte vencer muitas vezes essa luta indesejada e injusta entre os corpos cansados e necessitados dos retirantes. No trecho seguinte identificamos:

Deitado numa cama de trapos, arquejando penosamente, estava um dos meninos de Chico Bento, o Josias. O ventre lhe inchara como um balão. O rosto intumescera, os lábios arroxeados e entreabertos deixavam passar um sopro cansado e angustioso. [...] Estavam arranchados numa velha casa de farinha, toda atravancada pelos aviamentos desmantelados. Desde a véspera Josias adoecera. [...] – Chico! Chico! Valha-me Nossa Senhora! O Josias se envenenou! [...] A criança era só osso e pele: o relevo do ventre inchado formava quase um aleijão naquela magreza, esticando o couro seco de defunto, empretecido e malcheiroso. [...] E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais. [...] Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para depois cair no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. (QUEIROZ, 2016, p. 61-70).

Os percalços que a seca e a ausência de políticas públicas para amenizar seus efeitos causam em uma sociedade são muito fortes e impactantes, em consequência muitas pessoas inocentes acabam morrendo, mortes como essa do menino Josias. Foram vidas e famílias

vivendo seus dramas no esquecimento, a cena nos faz pensar que até no momento de morrer eles têm que ser silenciosos e discretos no seu sofrer, afinal não existe ninguém para acabar com o sofrimento, a dor é sentida em surdina, sem alardes. A morte é entendida e vivida de maneira muito tênue, não causa revolta nos familiares, eles apenas aceitam a dor e de cabeça baixa, sem contestação, como se fosse um alívio para aquele sujeito que sofria, pois assim ele não iria mais aguentar os dissabores de uma vida marcada pela dor e negação.

Não dá para determinar exatamente qual sentimento envolveu essa família de retirantes, mas o que fica evidente foi o desejo de seguir em frente, embora o comum fosse ficarem paralisados sem saber mais o que fazer e para onde ir, afinal, uma vida tinha se terminado e poderia muito bem essa retirada empreendida por eles ter perdido o sentido. O que ocorre é uma força maior a movê-los a um destino diferente daquele lugar ao qual o filho encerrou a caminhada de maneira precoce, esse acontecimento poderia ser o fim das suas vontades, mas o que se nota é o desejo de ir além auxiliando a superar os problemas. Eles aceitam o destino de Josias como algo que não pode ser contestado por nenhuma forma de revolta, cabendo só aceitarem e continuarem, tentando fugir de todos os fantasmas que passaram a assombrar a vida deles, restando o esforço para mudar a situação.

Essa força responsável por permanecerem buscando uma saída é muito intensa, em meio a caminhada eles não sentem e nem sabem especificar o motivo de não desistirem, mas por estarem desamparados nada de inesperado retira de Chico Bento a vontade de continuar, embora ele não seja mais regido pela *esperança*, já que este afeto o paralisava.

Mesmo a vontade de mudar sendo forte, isso não os impede de presenciarem acontecimentos deploráveis em virtude da necessidade enfrentada, a integridade do vaqueiro diante desses fatos passa a figurar em um segundo plano, deixando de ser o mais importante, pois as necessidades e as mortes em sua família fazem Chico Bento se submeter a atos quase impensáveis para a sobrevivência, para o vaqueiro suportar a fome ele vive situações lamentáveis de aflição:

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa: - Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça! Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. [...] Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol. [...] Mais longe, numa volta da estrada, a telha encarnada de uma casa brilhava ao sol. Lentamente, Chico Bento moveu os passos trôpegos na sua direção. De repente, um bé!, agudo e longo, estridulou na calma. E uma cabra ruiva,

nambi, [...] E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra. [...] Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu: – Olha, pai! Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros: – Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! [...] – Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! já caíram com a fome!... – Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! [...] – Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!... (QUEIROZ, 2016, p.72-76),

A cada momento as situações só contribuíam para a vida das pessoas ficarem cada vez mais apavorante, e a seca acaba fazendo com que as pessoas comecem a cometer atos impensados para se manterem vivos, até Chico Bento chegar no momento de matar um animal que não é dele, não porque tenha uma má índole nem seja um ladrão se aproveitando das coisas do outro, pelo contrário, ele fez de tudo para conseguir manter a sua família de qualquer jeito, mas conforme os dias foram passando eles foram ficando cada vez mais fracos até chegar o momento de caírem em fraqueza.

Quando Chico Bento percebe a gravidade da situação ele então decide matar a cabra encontrada à beira do caminho para tentar reanimar as forças da sua família, mas esse ato só favoreceu para humilhá-lo ainda mais, seu ato foi flagrado e o chamaram de nomes pesados, ele se sentiu diminuído, mais do que já se encontrava, as palavras do dono da cabra foram duras de suportar, além de aguentar a fome, sede e fraqueza Chico Bento teve que suportar o peso da condição de ladrão, ser tratado como um.

Para os sertanejos, ter o respeito do outro era a única coisa que restava, os traziam um pouco de dignidade, depois desse acontecimento Chico Bento perdeu o restante de dignidade. Em alguns lugares a maneira como os indivíduos se relacionam é distinta, muitos não se ajudam, veem o outro apenas como um provável inimigo, fechando os olhos para o sofrimento do outro, não havendo tempo e espaço para relativizações e empatia.

Nas sociedades totalitárias ou até mesmo nas sociedades consideradas democráticas têm-se o domínio sobre os corpos dos indivíduos para se alcançar determinados objetivos sociais, o biopoder pode atuar de maneira quase imperceptível, impossibilitando de identificar o lugar de onde surge. Chico Bento recebeu várias influências ao longo da sua vida, não é algo que vem apenas de uma única pessoa ou instituição, ele está envolvendo os indivíduos sociais de maneira inusitada.

Pode-se dizer que o poder instaura-se em diversos lugares, dentre eles, nas relações do indivíduo com outros indivíduos, ou seja, na maneira como determinados corpos funcionam e

(con)vivem socialmente, esse fator ajuda a perpetuar os poderes existentes de modo a prolongar essas vidas e, há um pensamento conformista e meritocrático: cada ser nasce determinado a viver um tipo de vida, tudo isso ocasionado pela força que o poder tem sobre a vida.

Apesar do poder ter uma força grandiosa na vida e nas vivências dos indivíduos, moldando-as aos seus interesses, apenas uma forma pode neutralizar um pouco ou drasticamente essas ações, é: quebrando as organizações sociais e com isso desestabilizando circuitos de afetos responsáveis por manter as vidas presas nas forças de poder inibidoras da potência de existir dos seres, quando uma sociedade por algum motivo se destrói, diz Safatle (2016), nasce consigo afetos organizadores para manter outra forma de poder.

A sociedade da qual Chico Bento fazia parte esfacelou-se, as condições socioambientais e políticas fizeram com que essa comunidade se desintegrasse, a partir desse esfacelamento eles começam a não serem mais regidos pela mesma forma de poder, passam a ser desamparados. O *desamparo* permite a Chico Bento outro modo de vida que não o da servidão tão acostumado a viver. Não queremos dizer que é somente na dor e sofrimento que encontramos a liberdade, se assim o for, ela realmente vale a pena? A ênfase na libertação de Chico Bento está por acreditarmos que a abertura realizada serve como portal para que ele procure resistir, fabricando um modo de vida menos pesado para si.

Entende-se com isso, que a relação entre a vida e o biopoder tornou-se algo interligado, ele se manifesta nas vidas de diversas maneiras, para o vaqueiro trilhar novos caminhos outros afetos precisam direcionar seu agir. Como Safatle (2016) afirma, o poder já conquistou o humano de uma forma tão abrangente que já foi absorvido pelo corpo do indivíduo, então, para desbravar novos horizontes essas dominações de vida precisam ser desfeitas:

Não será com os mesmos corpos construídos por afetos que até agora sedimentaram nossa subserviência que seremos capazes de criar realidades políticas ainda impensadas. Mais do que novas ideias, nesse momento histórico no qual a urgência de reconstrução da experiência política e a necessidade de enterrar formas que nos assombram com sua impotência infinita se fazem sentir de maneira gritante, precisamos de outros corpos. Para começar outro tempo político, será necessário inicialmente mudar de corpo. Pois nunca haverá nova política com os velhos sentimentos de sempre. (SAFATLE, 2016, p. 29).

Uma forma de transformação acaba surgindo na convivência desses personagens, na coletividade que luta junto. Nota-se uma luta diária dos personagens contra os efeitos da seca

que dia após dia vai degradando o que foi feito a tanto custo pelos seus cuidados, além de lutar contra as consequências da escassez da água eles lutam contra os descasos do Estado, este não dispõe de muitos auxílios para subsidiá-los. Personagens como Chico Bento tiveram a escolha de se acostumar com uma forma de imposição de poder controlando suas determinações, refletindo assim nas suas relações com os familiares e o meio, tornando-se muito difícil tentar resistir todas as privações, por outro lado, apesar de todas essas causas e consequências, percebe-se a presença de algo impulsionando esses seres a reagir e não desistir de suas vidas: a empatia criada na coletividade das comunidades.

Outros corpos são formados a partir das novas situações, nas novas etapas da vida de Chico Bento, ele pode ter medo das coisas possíveis e futuras, mas se pensarmos bem, no momento em que a sociedade que ele fazia parte desmorona, aquele ser que ele era também vai embora junto com ela, surgindo outro Chico Bento, guiado por outro afeto e novos sentimentos.

2.4 A SECA TAMBÉM TEM FIM: A RESISTÊNCIA ESPERANÇOSA DE VICENTE

O modo como Vicente é construído ao longo do romance, de maneira progressiva, acaba encaminhando a atenção dos leitores a um lado diferente da visão estigmatizada. Ele não desiste de cuidar das suas responsabilidades, sempre enfrentando as adversidades, movido pelo afeto *esperança*. Esse é um dos aspectos que se distancia da imagem sertaneja no período de seca, em que tudo se resume a sofrimento e êxodo dos retirantes. Existe algo distinto movimentando Vicente para alcançar determinados fins sociopolíticos dentro da comunidade da qual ele faz parte.

Nota-se que Vicente é um personagem movido predominantemente pela *esperança*, porém isto não quer dizer que este é um afeto bom ou ruim, apenas força impulsionadora ou paralisadora, esse afeto o leva a continuar empregando grande esforço contra os efeitos lancinantes do sol na seca do sertão. Por meio da *esperança* ele acaba projetando todos seus esforços em uma recompensa futura, em algo bom que possa vir a acontecer, com isso ele não abandona as famílias de trabalhadores de sua fazenda, também faz de tudo para o seu gado não morrer. Vários fazendeiros, passando pelas mesmas aflições que as suas, desistem da luta, abandonam o gado e as famílias de vaqueiros trabalhadores, deixando-os desabrigados. Na seguinte parte identificamos o perfil de Vicente:

[...] Dona Inácia, estremunchada, passou a mão pelos olhos, repuxou a frente do casaco, num gesto que lhe era habitual, e foi à porta. Na calçada, todo de cáqui, chapelão de massa na cabeça, Vicente esperava. Dona Inácia abriu a banda da porta com a pressa afetuosa de quem abre os braços para alguém muito querido: - Você, Vicente! Por aqui, meu filho! Era um pedaço do sertão que lhe vinha com aquele moço tostado pelo sol de Quixadá... [...] Viera por causa de uma partida de carçoço que encomendara para o gado, e nada de ir, e ele nos maiores apertos. A rama já faltava de tudo e o jeito era recorrer ao trato comprado. – E no Logradouro? – Vai-se salvando... mas dá um trabalho medonho! Toda noite, cinco, seis homens dormindo no alpendre para levantarem as reses caídas... A velha sacudiu a cabeça, admirada: - E você não desiste! Ainda não pensou em retirar para a serra, ou fazer como a Maroca, soltar e deixar morrer? Vicente ergueu-se meio exaltado: - Não senhora! Nem que eu me acabe, e perca tudo que é meu comprando carçoço, não solto nenhum! Já comecei, termino! A seca também tem fim... (QUEIROZ, 2016, p.80-81)

Vicente é dotado de coragem e força inabaláveis, causa espanto o que ele acaba empreendendo no sertão de Quixadá. No momento crítico da seca, ele não tem mais nem o conforto da sua família, tendo em vista, que na sua fazenda não tinha mais água para poderem sobreviver, com isso, todos foram embora. Vicente fica sozinho na luta contra a seca e notamos que quanto mais as dificuldades aumentam mais se intensifica seu desejo de não desistir.

Isso demonstra que com determinação uma quebra na normalidade pode ser ocasionada na seca do sertão. De modo paralelo, se pensarmos no deserto, um lugar que a existência da vida se torna uma raridade, inóspito, qualquer possibilidade de vida torna-se quase impossível, nesse espaço o único lugar possível de encontrar vida e de promover vida é o oásis, esse lugar permite uma quebra dentro do espaço maior de escassez.

Vicente pode ser considerado um oásis em meio a todo o sertão de desesperança e abandono, tudo ao seu redor está deserto não existindo mais nenhuma forma de vida, só a sua fazenda que ainda teima em continuar resistindo através de seus esforços para superar as adversidades, quando os recursos faltam de um lado ele recorre a outra forma, sempre na confiança de chegar ao fim da sua batalha contra a seca e sair do descaso, vitorioso, isso acontece quando a chuva molha o chão do sertão novamente.

No sertão, o juazeiro é um enigma que traz muitas reflexões, dentre elas a de sempre continuar verde quando todas as plantas já morrerem, ficando os galhos nus apontando para o céu. Enquanto isso, o juazeiro continua robusto imponente com sua copa verde e forte, representando um dos únicos resistentes ao sertão na seca, de maneira similar Vicente também continua firme em seus desejos de salvar sua criação e sua gente, continua combatendo, essa resistência acaba formando um contraste de realidades, tendo em vista, ele

ser o único sertanejo a permanecer vivendo nas suas terras mesmo estas estando secas e inférteis.

A determinação de Vicente é um sentimento muito forte, mas acaba não sendo partilhada por outras pessoas consideradas ricas que moram no sertão, ele acaba sendo um caso à parte, seus esforços para lutar contra a degradação da seca passam a ser vistos pelo restante da população sertaneja como uma luta ilógica e por isso desnecessária de ser empreendida, sendo inútil todos os seus esforços em tentar permanecer na sua fazenda. O que Vicente faz no meio do sertão, mesmo não tendo mais nem um tipo de recurso, passa a ser ignorado pelos outros donos de fazenda, seus atos são incompreendidos pelas outras pessoas, é quase loucura gastar o quanto ele gasta para cuidar da sua fazenda e do seu rebanho, e remediar dia após dia os efeitos danosos da constante presença do sol, em resumo, Vicente torna-se admirado por uns e desmerecido por outros.

Muito disso se dá pelo fato de Vicente estar ali presente vivenciando toda situação na sua fazenda, desde criança este sempre foi o seu lugar, quando as pessoas não fazem parte dessa realidade elas acabam não sendo afetados tão diretamente por tudo que ocorre no sertão, entre o mundo do sertão e o mundo das cidades existe uma barreira impedindo os seres ficarem afetados da mesma forma pela organização social que predomina no sertão.

Por exemplo, o mundo de dona Maroca é outro, ela vive em outra comunidade regida por outros afetos, já Vicente encontra-se imerso na comunidade sertaneja, passando a ser regido pelos afetos que circulam dentro dela, seus desejos e sentimentos são distintos de um fazendeiro que mora na capital e possui terras como meio de prestígio. Vicente vive e sofre todos os ataques vindos da seca, mas não perde a *esperança* no retorno das chuvas, por mais que a situação o leve a pensar o contrário, existe algo que não o permite fazer desacreditar e desistir.

Mesmo Vicente sendo o dono da fazenda, isso não impede que viva também o *desamparo*, não existe nenhuma forma de ajuda para amenizar as graves consequências, o próprio Estado poderia ser essa figura de proteção para ele, mas como se nota ao longo da leitura do livro, as pessoas que persistem em continuar vivendo no sertão acabam sendo o oposto dos indivíduos moradores dos grandes centros urbanos, considerados produtivos e com isso mais valiosos que o restante da sociedade.

Dessa forma, elas não recebem incentivos para se manterem no sertão, passando a viver sem ter esse outro como um ser que poderia ajudá-lo, caminhando sozinho Vicente vivencia o *desamparo* e luta para continuar no seu lugar, procurando não perder o que construiu com sua família e seus trabalhadores.

Vicente é regido predominantemente pela *esperança*, mas em uma comunidade os circuitos de afetos não são estáticos, pelo contrário, estão em constante movimento, em um momento o indivíduo é afetado de maneira mais forte por um e já em outro passa a ser afetado por outro, e deste modo os afetos circulam entre os seres e vão modificando-os em decorrência dos seus efeitos na forma de viver. Isso quer dizer que Vicente passa a ser afetado por dois afetos: *esperança* e *desamparo*. Existem momentos de fraqueza, mas ele não desiste de continuar cuidando das pessoas e dos animais, ele não perde a *esperança* no regresso das chuvas:

Na verdade, trata-se aqui de seguir outra via e compreender o desamparo como condição para o desenvolvimento de certa forma de coragem afirmativa diante da violência provocada pela natureza despossessiva das relações intersubjetivas e pela irredutibilidade da contingência como forma do acontecimento. [...] A compreensão de tal produtividade do desamparo permite que, dele, apareça um afeto de coragem vindo da aposta na possibilidade de conversão da violência em processo de mudança de estado. (SAFATLE, 2016, p. 55).

Por mais que tudo pareça não ter mais solução, pois muitos dos esforços de Vicente estão sendo insuficientes, não superando os desafios surgidos, com muitas das reses morrendo, Vicente ainda acredita em uma mudança, ele crê que o final da seca está próximo, para ele da mesma forma que um dia ela começou ela também irá acabar, levando consigo todo mal e toda miséria que devastou o solo do sertão, por isso ele é movido pela *esperança*.

A água para Vicente tem um poder muito grande de restauração, acordam as sementes adormecidas na terra para restituir a paisagem trazendo novamente vida, ela tem a força de melhorar os lugares dominados pela falta de vida, seja humana e animal, a água modifica o solo murchado pelo sol.

Vicente espera o dia em que verá novamente o chão pintado de verde, onde tem um rio seco ele espera ver o curso do rio retomado, a água banhando o seu leito, fazendo com que o sertão nordestino seja mais uma vez restituído de vida. São essas vontades que sustentam o jovem fazendeiro, para Vicente com um pouco de paciência a seca vai embora levando com ela os fantasmas da fome e morte.

2.5 A GENEROSIDADE MATUTA COMO FORÇA DE AJUDA NA AUSÊNCIA DE DIGNIDADE

A longa caminhada da família de Chico Bento estava prestes a chegar a uma das paradas que o vaqueiro desejava, mas antes de chegar a esse momento muitos fatos aconteceram, eles enquanto seres humanos passaram a conhecer os dois lados da sociedade, o lado das pessoas abastadas financeiramente, disponibilizando de meios para amenizar os efeitos da seca e o lado das pessoas como eles, não possuindo formas para a melhoria, tendo que enfrentar a miséria sem se esconder, aceitando a desigualdade e tentando lutar por um espaço melhor, mesmo que este seja também de exclusão.

Ao viver a travessia, esses personagens receberam muitos golpes, como a fome do filho do vaqueiro que o levou a comer uma raiz venenosa e morrer, como a tentativa fracassada de Chico Bento roubar uma cabra para matar a fome da sua família, tendo apenas como resultado a tentativa, pois logo foi chamado de ladrão, logo ele que nunca tinha colocado a mão em nada dos outros, momento em que um dilema ético é instalado na narrativa.

Os pobres em uma situação como essa são vistos potencialmente como um risco a ordem social, são entendidos como bandidos e ladrões, esse tipo de pensamento atribui o direito das elites fazerem com essas vidas o que bem entenderem, já que são vistos como um perigo para as pessoas consideradas “de bem”, podendo assim, ser tomado qualquer tipo de medida para evitar esses possíveis perigos.

Dessa forma, eles têm suas vidas guiadas para uma organização social estratégica. Quando os retirantes chegavam nas cidades grandes, como aqui especificamente, em Fortaleza, lugares foram criados para que eles não adentrassem a área em que a população rica circulava, ou seja, a cidade era higienizada e eles tinham seu percurso barrado. Os retirantes eram levados a outro lugar, se fizermos uma comparação, diferentemente do gado da fazenda das Aroeiras colocado para fora do curral, para morrer nas beiras dos caminhos secos do sertão queiroziano, Chico Bento foi colocado para fora da Fazenda e conduzido como um bicho a um “curral humano”, isto é, aos campos de concentração criados no Ceará para abrigar os retirantes.

Rachel de Queiroz transfigura essa medida cruel dos governos da época. Ao analisar esses fatos pode-se relacioná-los aos conceitos de *biopolítica*, como também de *estado de exceção* e *homo sacer*, entendemos que o ápice do entrelaçamento dessas questões se dá no *campo de concentração*, traduzindo a condição das pessoas como Chico Bento, tratadas como pessoas sacrificáveis, humanos em que a lei não era mais usada para o benefício, pelo contrário, existia um cuidado e todo um trabalho para esses seres não serem vistos, eles não tinham mais nenhum tipo de direito humano, jogados ao esquecimento. Os governantes

fecharam os olhos para os retirantes e com isso não permitiram que fossem ajudados, resultando em limitadíssimas possibilidades de viver os descasos estatal e natural, como podemos notar na parte a seguir:

No mesmo atordoamento chegaram à Estação do Matadouro. E sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, acendendo fogo. Só aos poucos se repuseram e se foram orientando. Cordulina acomodou-se como pôde, ao lado do cajueiro onde tinha parado. [...] Chico Bento olhava a multidão que formigava ao seu redor. Na escuridão da noite que se fechava, só se viam vultos confusos, ou alguma cara vermelha reluzente junto a um fogo. (QUEIROZ, 2016, p.94-95)

Nota-se que foram estabelecidos pontos estratégicos para evitar uma suposta invasão indesejada dos retirantes, um desses pontos estratégicos é a estação do matadouro, considerada a última parada para os flagelados vindos do sertão, tendo em vista que de lá eles eram encaminhados para o campo de concentração que ficava ao lado da estação, depois de desembarcarem a condição de vida do ser humano é igualada a de um animal reservado para a morte, sendo a possibilidade de resistir quase nula, pois matadouro é um lugar onde o direito à vida é retirado, ao estar lá, a vida passa a não mais existir.

Fazendo tudo dessa forma eles não teriam como escapar, e com isso, não teria como irem deturpar a bela imagem da cidade Fortaleza. Chico Bento chega na cidade de trem, no momento de descer ele e sua família são levados em meio a uma massa de gente flagelada e assustada sem saber ao menos para qual lugar estavam indo. Ao chegar em Fortaleza ele tem o seu caminho redirecionado para um lugar cheio de pessoas que assim como ele também sofreram pelos longos caminhos do sertão do Ceará até chegar no destino “final”.

As notícias recebidas no sertão eram a de que o governo estava dando comida e abrigo aos retirantes na capital, por meio dessas informações eles vinham buscando uma melhoria. Os retirantes acreditavam que quando chegassem ao litoral haveria descanso e alívio para seus corpos sofridos, mas a realidade era outra, na verdade eles eram atraídos pelas promessas, mas quando chegavam não podiam mais sair e, com isso para evitar um levante dos retirantes em busca de abrigo e de alimento pelas ruas da capital causando uma desordem na vida das pessoas “civilizadas” campos de concentração foram criados.

Mas o *campo de concentração* não se dá somente desta forma, diz-nos Agamben ao teorizar sobre os judeus na Segunda Guerra Mundial, para o italiano a concepção de campo de concentração está incorporada ao contemporâneo, nosso modo de vida se dá dentro de um

campo, afinal a qualquer instante podemos ter a nossa vida sacrificada em prol do “bem comunitário”. É no *campo de concentração* que as cidades são construídas. O Severino retirante de João Cabral de Melo Neto também se encontra num *campo de concentração*, este se chama Recife, que mesmo não sendo um propriamente dito, como em *O Quinze* (2016), ainda o é por não possibilitar os direitos básicos a Severino e demais moradores das palafitas do Capibaribe.

Na cena, a descrição do *campo* se dá de forma sutil, mal pode-se notar o modo de governar em que os pobres são separados dos ricos, o vaqueiro foi levado sem saber por quem e nem para onde, é nítido o controle das vidas dos retirantes como forma de proteger o restante da sociedade contra qualquer tipo de ameaça representada por essas pessoas vindas do sertão, trazendo em suas bagagens apenas fome, tristeza e sofrimento. Portanto:

Mais interessante, em nossa perspectiva, é o fato de que à soberania do homem vivente sobre a sua vida corresponda imediatamente a fixação de um limiar além do qual a vida cessa de ter valor jurídico e pode, portanto, ser morta sem que se cometa homicídio. A nova categoria jurídica de “vida sem valor” (ou “indigna de ser vivida”) corresponde ponto por ponto, ainda que em uma direção pelo menos aparentemente diversa, a vida nua do homo sacer e é suscetível de ser estendida bem além dos limites imaginados por Binding. É como se toda valorização e toda “politização” da vida (como está implícita, no fundo, na soberania do indivíduo sobre a sua própria existência) implicasse necessariamente uma nova decisão sobre o limiar além do qual a vida cessa de ser politicamente relevante, é então somente “vida sacra” e, como tal, pode ser impunemente eliminada. Toda sociedade fixa este limite, toda sociedade – mesmo a mais moderna – decide quais sejam os seus “homens sacros”. (AGAMBEN, 2007, p. 146).

Essa forma de organizar a chegada dos retirantes se caracteriza como proteção a uma parte da sociedade, a rica, isso deriva das escolhas feitas pelos poderosos, eles decidem quais as vidas merecem ser protegidas, e com isso ter assistência e cuidados para que ela se estabeleça e assim continue a ser produtiva política, social e financeiramente. Já as outras vidas, como a do vaqueiro, são entendidas como existências sem importância para a sociedade, estas são apartadas para que suas características – consideradas negativas – não afetem a harmonia das vidas dos ricos.

Chico Bento passa a ser tratado como uma *vida nua*, sem importância, as possibilidades de melhoras advindas do Estado lhe são vetadas, cabendo a ele e sua família ficar presos dentro do “curral humano” para receberem as ajudas em migalhas enviadas pelo governo. Mas são insuficientes os recursos para as suas sobrevivências, no *campo de concentração* muitas pessoas morrem diariamente. Percebe-se a conexão dos conceitos de Agamben ao perceber a política da morte que assola essa parte da população cearense. No

estado de exceção passa a existir o *campo de concentração* e para dentro dele a *vida nua* é enviada, afinal trata-se de um *homo sacer* que merece morrer em sacrifício para o bem maior da população. Claro que o pensador italiano aponta para a ironia e hipocrisia presente nessas condições, pois as vidas são sacrificadas, mas, sobretudo em prol de uma minoria soberana, mesmo que as relações de poder sejam diluídas na sociedade moderna e contemporânea.

Dentro do *campo* a vida dos retirantes não melhora em nada, a verdade é que se eles não encontrassem outro tipo de ajuda o final dessas vidas seria a morte, pois a intensão do governo e da elite ao prometerem abrigo e alimento não era somente a de promover ajuda para trazer um pouco de dignidade, o objetivo maior na realidade era isolar aqueles indivíduos longe dos centros urbanos, para que a ordem permanecesse estabelecida.

Os dias enfrentados dentro dos “currais humanos”, como eram chamados, passaram a ser cada vez mais degradantes. Continuarem vivos passava a ser uma luta diária enfrentada pela família de Chico Bento. Várias pessoas não aguentavam viver em condições subumanas, estar em um *campo de concentração* significa estarem desprovidos dos direitos básicos humanos, eles passam, portanto, a viver desassistidos, sem médicos, alimentação digna, saneamento básico, etc, permanecendo sem esses auxílios a probabilidade é a morte. Porém, por meio de um bom encontro entre Chico Bento e Conceição dentro do *campo* a situação ultrajante pôde ser amenizada:

Foi Conceição que os descobriu, sentados pensativamente debaixo do cajueiro: Chico Bento com os braços cruzados, e o olhar vago, Cordulina de cócoras segurando um filho, e um outro menino mastigando uma folha, deixando escorrer-lhe pelo canto da boca uma saliva esverdeada. Afinal ali estavam. Foi realmente com dificuldade que os identificou, apesar de seus olhos já se terem habituado a reconhecer as criaturas através da máscara costumeira com que as disfarça a miséria.[...] Por aqui, compadre? Quando chegou? Chico Bento ouviu a fala e ergueu os olhos, numa surpresa: – Ah! Comadre Conceição! A senhora por aqui? Cheguei ontem. A moça dirigiu-se a Cordulina: - E você, Comadre, como vai? Tão fraquinha, hein? A mulher respondeu tristemente: – Ai, minha comadre, eu lá sei como vou!... parece que ainda estou viva... (QUEIROZ, 2016, p. 95-97).

Apesar de estarem diferentes da última vez que Conceição os viu na Fazenda das Aroeiras, ela conseguiu identifica-los entre todos os rostos desconhecidos. Chico Bento e sua família passaram a ficar quase irreconhecíveis por conta das modificações dos seus corpos provenientes das privações e dos efeitos do sol. Eles estavam muito magros e a pele maltratada, Cordulina e o restante da sua família conseguiram chegar até ali, mas as dificuldades enfrentadas ficaram fortemente marcadas psicológica e corporalmente, depois do que experienciaram não são mais os mesmos que saíram de Quixadá, a cada problema

enfrentado e superado eles se transformaram, tornaram-se mais resistentes para conseguir sobreviver.

Foi um alento para a família de retirantes verem aquela moça, afinal eles estavam ainda se encontrando em meio à multidão e já começavam a fazer ideia do sofrimento que seria viver ali diante de tão poucos recursos. Ceição estava disposta a ajudá-los, ela sabia a dificuldade que eles iriam enfrentar sem a ajuda de pessoas fora do *campo*. Ela, por não viver naquele lugar, poderia trazer um pouco de alento a seus conhecidos, poderia de alguma forma burlar a norma interna para amenizar o sofrimento da família de Chico Bento. Conceição sabia os caminhos possíveis para suavizar o descaso e a falta de empatia com os retirantes.

Ao serem segregados, os retirantes passaram a sobreviver com a pouca comida (ração) disponibilizada para a grande quantidade de pessoas que lá viviam. (ARENDR, 1989, p. 498 *apud* GUEDES, 2013, p.90). Afirma que: “No campo, não ocorria apenas a eliminação física dos internos, antes que isto ocorresse eles eram privados de sua identidade jurídica, perdendo a sua nacionalidade e ficando totalmente fora-da-lei e desprotegidos”. Desprotegidos como estavam, a ajuda de Conceição foi vista como uma luz trazendo nova perspectiva para o seu futuro. A forma como eles eram tratados, como bichos, afinal eles foram descartados pelo biopoder.

O *campo*, usado para canalizar e esconder a pobreza e a miséria, mantinha as pessoas em condições subumanas até não resistirem e morrerem de fome e sede. Para mudar esse quadro só a força de vontade de Chico Bento para promover a mudança não bastava, para atingir uma vida melhor somente por meio de esforços e determinação, juntamente com a ajuda de outras pessoas que não pertencessem aquele circuito de poder e de afetos, como Conceição, ela se tornou a oportunidade potencializadora das chances de Chico Bento e sua família conseguirem sobreviver. Mesmo com as dificuldades enfrentadas o percurso daqueles retirantes foi mudado, conseguindo fazer brotar o desejo de mudança, como podemos identificar na seguinte passagem:

Súbito Conceição rompeu: – Compadre, vou ver se arranjo um ranchinho melhor para vocês. Do lado de lá tem assim uma espécie de barraquinha de zinco, onde morava uma velha doente com uma neta. A velha morreu ainda agora, e uma família tomou a menina. É melhor para vocês... E saiu puxando o grupo: – Venham! Compadre, pegue suas trouxas; tragam os meninos. Antes que cheguem outros e tomem... [...] Conceição mostrou-lhes as vantagens e concluiu: – Pois se acomodem aqui, que é melhor. Agora, venha comigo compadre, receber a ração de comida, que está na hora. (QUEIROZ, 2016, p. 98-99)

Com a ajuda de Conceição, os retirantes passaram a ter um pouco de conforto, se é que podemos chamar de conforto, mas pelo menos não ficaram mais ao relento, dormindo no meio do nada, passaram a ter uma barraca para ficarem. A situação no *campo de concentração* era crítica, não havia oportunidades para se viver dias melhores, tudo em volta era miséria e nadificação.

Quando Conceição chamou o vaqueiro para buscar alimento, isto é, a ração, percebemos como essas pessoas eram tratadas, passando a comer de maneira pouca e regrada, a ração, além disso, as pessoas passavam fome no *campo* também, e se de alguma forma não encontrassem uma solução melhor suas vidas poderiam acabar mais tragicamente.

Conceição tentou, de várias maneiras, ajudar Chico Bento e família a conseguirem outra vida que não fosse aquela, a permanência deles no curral (como foi chamado popularmente) acarretaria sérios riscos, eles todos poderiam morrer. Buscando evitar maiores desgraças, Ceição buscou ajuda, conversando sempre com o vaqueiro para articular a saída de lá, depois de refletirem, escolhem embarcar para São Paulo e tentarem uma vida melhor, este passa então a ser o destino de Chico Bento e sua família:

Eles já estavam na ponte, magros, encolhidos, apertados uns contra os outros, num grupo miserável e cheio de medo. [...] Embarcavam poucos retirante, naquele navio. [...] Chico Bento fitava o navio, escuro e enorme, com sua bandeira verde de bom agouro, tremulando ao vento do Nordeste, o eterno sopro da seca. Sentia como que um imã o atraindo para aquele destino aventureiro, correndo para outras terras, sobre as costas movediças do mar... Conceição, chegando, precisou o tocar no ombro para o acordar da fascinação. [...] – está na hora... Chico Bento estendeu-lhe a mão: Adeus comadre... uma comoção profunda a punziu, ante aquela calma sofredora, suave, que escondia tanta reserva de resistência. – Adeus, adeus, seja feliz! Depois foi Cordulina. Numa efusão repentina abraçou a moça, beijando-lhe as mãos, articulando por entre o choro que à última hora irrompera: - Deus lhe pague! Nossa Senhora lhe proteja! E tenha sempre caridade com o pobre do meu filhinho! Gravemente um dos pequenos estendeu também a mão: - Adeus! (QUEIROZ, 2016, p. 119-121).

Foi assim, por meio de outros circuitos de afetos que a história dessa família de retirantes pôde ter um destino diferente, tantas vidas foram esquecidas, desprezadas, silenciadas pelas imposições de poderes controladores e manipuladores, escolhendo sempre como deveriam ser seus modos de viver, suas escolhas, controlando suas ações e os caminhos permitidos a serem trilhados por eles, negando-os o direito de uma vida digna, uma vida humanizada. Apesar de sempre terem suas vidas desprezadas eles aprenderam a viver nas brechas sociais.

Os seres humanos, uns junto com os outros, conseguem encontrar saídas para se desfazerem das amarras que controlam e diminuem suas vidas. Quando eles conseguem minimizar a influência do biopoder, e com isso começam a viver em outra comunidade habitada por outras pessoas e outro círculo de afetos. A negação da vida tem como avesso a empatia e união entre as pessoas, somente desta maneira as subjugações podem ser quebradas para nascer possibilidades melhores. Ir para São Paulo correspondeu a outra chance para esses personagens, guiados por outros afetos possibilitando uma mudança e a construção de uma vida desvinculada dos afetos responsáveis por tantas necessidades e tantos sofrimentos.

Por mais que o *campo de concentração* parecesse o final para família de retirantes vinda de Quixadá, eles resistiram e tentaram viver um novo destino. Abertos a novos afetos eles passam a viver de forma distinta. O *desamparo* poderia muito bem ter sido entendido por essa família de retirantes como o limite, mas pelo contrário, ele foi visto como um recomeço, como uma possibilidade de viver sem submissão, dessa maneira, o *desamparo* por mais paradoxal que seja foi o afeto responsável por não deixar os personagens morrerem, mas sim lutarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se deu através da análise d'*O Quinze* (2016), de Rachel de Queiroz, nela percebe-se os aspectos que entrelaçam as categorias dessa narrativa, dentre elas o espaço, o ambiente, os personagens, o tempo, e, sobretudo o modo como se relacionam. Esse romance retrata a seca histórica que ocorreu no estado do Ceará em 1915, nela os personagens vivenciam diversas situações e dificuldades em decorrência deste fenômeno natural, mostrando as formas que buscaram para sobreviver.

A análise focou nas questões envolvendo as influências da seca no modo de vida de alguns personagens, mas para isso, observamos como essas consequências foram experienciadas, tentamos compreender como o sertão queiroziano está organizado e estruturado, percebemos algumas diferenças entre os personagens no modo como receberam as calamidades da seca. Ao tomar conhecimento de alguns vestígios significativos da narrativa, identificamos as estruturas sociais em que os personagens queirozianos estavam inseridos, como por exemplo, as múltiplas comunidades existentes no sertão.

Estudou-se mais profundamente o que ocorria nessas comunidades para existir as resistências e superações das dificuldades enfrentadas, constatamos em alguns personagens ações provenientes de determinados afetos e sentimentos. No drama enfrentado pelos personagens, percebemos que existia uma potência de viver que os impulsiona, ajudando a se relacionarem uns com os outros e com o meio ambiente. Desse modo, a análise se centrou no modo de organização social dessas vidas criadas por Rachel e em que essa ordenação acarretou na existência dos retirantes. Nota-se que a biopolítica (o biopoder) age nas relações presentes no enredo, essa forma de poder controla os personagens enquanto corpos biológicos, seres resumidos ao composto orgânico que são seus corpos e que por isso precisam ser controlados socialmente. Nessas situações o lado subjetivo dos sertanejos é desconsiderado.

Essa forma de poder entrega ao governo e à elite a soberania sobre os corpos dos homens comuns. Isso faz surgir no sertão queiroziano um circuito de afetos responsáveis pelas formas como os personagens agem e se posicionam perante as etapas de suas vidas. Suas decisões e atitudes são conduzidas pelos afetos *esperança* e *desamparo* que atuam de maneira predominante na vida dos personagens, a partir disso seus sentimentos acabam refletindo esses afetos.

Essas relações afetivas nos instigaram a analisar de maneira detalhada como os circuitos dos afetos movem os personagens Chico Bento e Vicente nas suas relações com os outros personagens em meio a esse espaço biopolítico d’*O Quinze*. Para compreender melhor como as influências políticas e econômicas configuram os afetos e estes se traduzem nos personagens no percurso de travessia da seca no sertão.

Ao longo da análise, se faz um levantamento do espaço biopolítico que os personagens fazem parte, por meio desse reconhecimento notamos o modo como o biopoder organiza a sociedade queiroziana. Desde o início da narrativa notamos como os indivíduos são controlados pelos governantes e elite. Os sentimentos em relação ao que poderia ocorrer no futuro traduziam a sujeição a estas instituições de poder, muitos posicionamentos dos personagens são reflexos do abandono pelas políticas públicas, personagens como Dona Inácia, Chico Bento, Vicente e Conceição passam a se relacionar de maneira intensa quando são abandonados propiciando que os afetos se misturem em um circuito compartilhado.

Ao analisar a vida de Chico Bento ao longo da narrativa, pode-se notar como ele é abandonado, seja pela dona da fazenda e pelas instituições estatais, mas ele foi superando duramente os obstáculos que apareceriam em seu caminho. Diante dessa conjuntura, identificamos que esse personagem é regido em um primeiro momento da narrativa pelo afeto *esperança*, mas a partir do momento que ele perde a figura de “proteção” (Dona Maroca), ele começa a vivenciar o afeto *desamparo*.

Percebe-se ao longo de nossa análise, que por mais contraditório possa parecer, o *desamparo* na vida desse personagem foi o responsável pela mudança em seu modo de viver. Pois antes a vida de Chico Bento era guiada pela *esperança* em relação ao que poderia ocorrer, ao ser desamparado ele também se desliga das estruturas responsáveis por controlá-lo.

As afecções responsáveis pelas formas de vida acabam se desintegrando, Chico Bento abre-se a contingência, àquilo que não estava dentro das suas previsões, passando a viver de acordo com cada acontecimento. O *desamparo* permitiu Chico Bento, e outros personagens, a se abrir a outras condições, portanto, trata-se de um afeto impulsionador, aparentemente paralisador. Os personagens desamparados passam a tomar decisões e a buscar por melhorias, em outras palavras, não esperaram mais, começando a agir sobre os próprios destinos. Essas mudanças ocorridas, mesmo que sejam consideradas poucas, são fruto do *desamparo* e de suas consequências no modo de viver desse afeto.

O exemplo emblemático é o de Conceição surgir no *campo de concentração* potencializando as ações de Chico Bento e da sua família, no encontro dele com a moça sua

vida acabou mudando, tudo ocasionado pelo modo como o afeto *desamparo* os guiou. Assim, Chico Bento acabou lutando por um destino longe das terras do sertão de Quixadá. Os novos circuitos de afetos transformaram o seu viver.

Outro personagem destacado na nossa análise foi Vicente. Nota-se que ele também vivencia o *desamparo*, Vicente não projeta suas *esperanças* na figura do outro (Estado), com isso ele não fica também restrito às influências de apenas um afeto, por não ter uma figura de proteção ele é guiado por suas ações para tentar promover mudanças. Mesmo numa situação mais crítica, esses afetos permitem Vicente vivencia outras possibilidades em relação aquilo ao que previa. Em meio a sua comunidade passa a existir uma forma de organização social diferente da maioria das fazendas existentes no sertão queiroziano, pois quando a situação fica extrema os fazendeiros abandonavam tudo e todos para deixar morrer, como aconteceu na fazenda vizinha, das Aroeiras, mas na de Vicente foi diferente, movido pelo *desamparo*, o fazendeiro teve força para permanecer resistindo ao descaso e abandono até as chuvas voltarem a banhar os solos secos e trazerem dignidade para as pessoas que viviam dos frutos da terra.

Diante desses aspectos, entende-se que os objetivos do nosso trabalho foram alcançados, pois ao analisar a complexidade dos afetos biopolíticos no sertão queiroziano compreendemos como a *esperança* e o *desamparo* influenciou a vida dos personagens – especialmente de Chico Bento e Vicente – os levando a lutar contra as dificuldades e assim resistir às forças paralisadoras que tentaram reduzi-los a nada. Viu-se que pela força ativa advinda dos dois afetos a existência dos personagens tomou um contorno distinto, alcançando um pouco de dignidade que eles tanto lutaram para ter. A partir das reflexões, demonstrando a pluralidades de significações existentes sobre o Nordeste, os resultados sobre as vivências no sertão queiroziano possibilitou a reabertura d’*O Quinze* (2016), mostrando que apesar das inúmeras análises ainda há o que falar sobre esta narrativa.

A pesquisa pretende contribuir com um viés singular acerca da obra, abordando nuances aparentemente imperceptíveis no caso, os afetos e a biopolítica e, a partir disso, fazer notar que as narrativas muitas vezes não se esgotam, permitindo ainda leituras e análises. Ainda, entender as formas de resistência estabelecidas pelos personagens para promover a vida em meio ao caos, demonstra o caráter atemporal d’*O Quinze* (2016).

As contribuições sociais dessa análise abrangem o íntimo da existência humana no sentido de que, por meio do mundo transfigurado por Rachel de Queiroz, se pode aprender com as lutas dos personagens, possibilitando repensar a realidade atual para tentar causar mudanças significativas, buscando um mundo mais justo. Ainda, notou-se que a narrativa

permite várias reflexões sobre as relações estabelecidas nas comunidades criadas e articuladas por Rachel de Queiroz, permitindo aprofundamentos sobre o lugar (sertão queiroziano) e as relações nele existentes.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BAUMAN, Zygmunt Bauman. **Vidas desperdiçadas**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUEDES, Wagner. **A testemunha e a vítima, uma leitura hermenêutica do capítulo V da obra “Memórias de Auschwitz” de Reyes Mate**. Revista eletrônica espaço teológico. 2013.

MUNIZ, Durval. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. 150 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed. rev.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.